

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**

**A ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA RELIGIOSA EM GRUPOS CATÓLICOS NA
CIDADE DO RECIFE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

RITA DE CÁSSIA ALBUQUERQUE ARAÚJO

Recife – PE

2009

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**

**A ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA RELIGIOSA EM GRUPOS CATÓLICOS NA
CIDADE DO RECIFE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha

**Recife – PE
2009**

RITA DE CÁSSIA ALBUQUERQUE ARAÚJO

**A ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA RELIGIOSA EM GRUPOS CATÓLICOS NA
CIDADE DO RECIFE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Aprovada em ____/____/2009

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ZEFERINO DE JESUS BARBOSA ROCHA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
Orientador

Examinadora I

Examinadora II

Dedico esse trabalho às mulheres da minha casa. As que vieram antes de mim por terem me mostrado a cada dia que eu poderia ir além, e às que vieram depois de mim, para que saibam que, nada e nem ninguém poderá limitar seus voos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido chegar até aqui.

Agradeço ao meu marido Gilmar Francisco Araújo por ter construído comigo esse caminho e pela paciência com que caminhou comigo.

Agradeço aos meus filhos pelas ajudas e principalmente por serem a mola propulsora do meu crescimento intelectual e pessoal.

Agradeço ao Prof. Dr. Zeferino Rocha pela paciência e desprendimento em partilhar comigo sua vasta sabedoria,

Agradeço ainda a todos os jovens que participaram desse trabalho e me possibilitaram aprender com eles a cada dia.

RESUMO

O estudo da adolescência e de formas adequadas de lidar com essa fase da vida, tão amplamente pesquisada na atualidade, é um tema inesgotável e vem despertando um enorme interesse por parte dos estudiosos das ciências humanas e sociais. A religião que acompanha a vida do homem desde os primórdios de sua história sobre a terra é objeto de estudos de muitas ciências e desempenhou, durante vários séculos um papel determinante como modelo de vida e de convivência social. Hoje, porém, sente-se claramente a necessidade de procurar novas modalidades de práticas religiosas, que propiciem ao homem contemporâneo uma aproximação com o Sagrado e experiências religiosas. O objetivo desse trabalho foi compreender se a prática religiosa oferece aos jovens esse contato com o Transcendente e com os outros, dando-lhes um sentido de pertença e servindo de suporte e de teia de proteção social contra as transgressões comuns à adolescência. Os participantes foram adolescentes participantes de grupos de jovens ligados à Igreja Católica, sendo um deles de classe popular e outro de classe média, na cidade do Recife. Utilizamos para isso, entrevistas semi-estruturadas, analisadas à luz da teoria psicanalítica. Esperamos que os resultados apresentados ampliem a discussão e o conhecimento a respeito do tema, oferecendo subsídios a todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com os adolescentes, e com aquilo que diz respeito a sua religiosidade.

Palavras-chave: Adolescência; grupos religiosos; teias de proteção; Igreja Católica.

ABSTRACT

The study of adolescence and appropriate ways of dealing with this phase of life, as widely researched is actuality, is an inexhaustible subject and has attracted huge interest from scholars of the humanities and social sciences. The religion that follows the life of the man since the beginning of its history on earth is the object of study of many sciences and has, for several centuries, a crucial role as model of life and social coexistence. Today, however, clearly feels the need to seek new forms of religious practices, which provide a contemporary approach to the man with the sacred and religious experiences. The aim of this study was to understand the religious practice offers young people that contact with the Transcendent and the other, giving them a sense of belonging and serving as a web of support and protection against the excesses common to adolescence. Participants were adolescents participating in youth groups linked to the Catholic Church, and one class of peoples and other middle-class in the city of Recife. We use it to the semi-structured reviewed in the light of psychoanalytic theory. We hope that the results presented extend the the discussion and knowledge on the subject, offering subsidies to those dealing directly on indirectly with what regard to their religiosity.

Keywords: Adolescence; religious groups; webs of protection; the Catholic Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZANDO ADOLESCÊNCIA E RELIGIÃO	14
1.1 Para uma definição da Adolescência	14
1.2 A Adolescência no mundo contemporâneo	18
1.3 O adolescente e suas representações de religiosidade	21
2. CAPÍTULO II: RELIGIÃO E PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	29
3. CAPÍTULO III: A ADOLESCÊNCIA: UM OLHAR PSICANALÍTICO	38
3.1 O declínio da função social do Pai no mundo contemporâneo	42
4. CAPÍTULO IV: TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO	46
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Durante já algum tempo venho desenvolvendo trabalhos com adolescentes. Seja em escola, em comunidades de baixa renda ou em movimentos religiosos ligados à Igreja Católica (EJC, Grupos de meio popular, RCC) e percebido mudanças bastante significativas na postura desses adolescentes no contato com o sagrado, com o divino.

Por essa razão, decidimos por pesquisar se a prática de uma religião pode contribuir para facilitar a passagem da infância à idade adulta, servir de ponto de apoio, de convivência grupal, de amparo às questões da finitude com as quais eles começam a conviver nesta fase da vida. Enfim, assim como eles mesmos relataram *“pra buscar respostas que não podem ter de outro jeito, pras coisas que a ciência e a técnica não podem responder ainda e talvez não possam nunca”* (Abraão, 18 anos).

Observamos, no decorrer do trabalho, que a participação nesses movimentos pode ainda possibilitar ao adolescente um sentido de pertença, de participação em grupo de iguais, um ambiente agradável ao convívio. Todavia, há algo que eles vão buscar nessa relação com o “Pai do céu”, algo que não é da ordem do grupal, mas da necessidade do jovem de sentir-se amparado, protegido, e que talvez o social não esteja conseguindo realizar no nosso contexto contemporâneo.

Há alguns anos, quando as possibilidades, principalmente das meninas, de frequentar os espaços públicos de lazer, possivelmente, ir à igreja e participar de grupos de convivência religiosa se apresentasse como uma das poucas opções apresentadas ao convívio social, às possibilidades de paqueras, de festinhas e etc. Porém, com as mudanças realizadas na sociedade, os jovens desfrutam de liberdade para frequentar vários espaços de socialização para frequentar outros grupos sociais, cinema, shoppings e mesmo assim, alguns deles, abrem mão dessas atividades “profanas” para se dedicarem as atividades do grupo religioso.

Ao observarmos um EJC¹ em uma das paróquias que fizeram parte da nossa pesquisa, vimos meninos e meninas, que em casa não costumam realizar

¹ EJC é a sigla de Encontro de Jovens com Cristo.

tarefas domésticas, lavando banheiros, lavando pratos, servindo outros jovens e declarando, em meio a grande euforia, estar feliz em retribuir o serviço que um dia outros jovens lhe prestaram, e mais felizes ainda, vendo alguns de seus colegas, seus convidados para o EJC “Encontrar Cristo” neste final de semana.

Em contrapartida, percebemos como os conflitos pertinentes à adolescência têm sido vivenciados com ansiedade pelos pais, pelos educadores, e pelos adultos, que precisam servir de referência a esses adolescentes no processo de subjetivação rumo à idade adulta, e se apresentam cada dia mais inquietos com esse lugar.

Assistimos ao declínio cada dia maior do modelo burguês de família monos parentais substituídos pelas recomposições familiares. E observamos a quebra de valores morais, os quais durante décadas nortearam as relações interpessoais, mas que hoje já não servem de ancoragem a esses adolescentes.

Se levarmos em conta aquilo que a mídia apresenta, o adolescente hoje, se encontra em discordância entre o que é apregoado pelo modelo social e o que ele está sentindo: o luto pelo corpo infantil, a timidez, as dificuldades para administrar sua própria sexualidade, os conflitos que responsáveis por ansiedades, culpas, e a necessidade de adultos que lhe sirvam de modelo, para poderem dar conta das exigências de ser belo (a), “sarados”, frequentar os ambientes mais badalados, e ter, ter e ter.

É, portanto, nesta direção, que orientamos este trabalho de pesquisa, trabalhando com adolescentes, engajados em práticas religiosas de orientação católica e tentando compreender, se, e de que maneira, esta participação pode favorecer ou dar suporte à formação desses adolescentes, diante de uma sociedade pluralista, carente de valores, vínculos significativos e tradições como se nos apresenta hoje a sociedade contemporânea. Sabemos que devido às limitações de tempo a riqueza que o tema nos apresenta, não seremos capazes de dar conta de todas as nuances desse fenômeno.

Pudemos constatar, porém, no percurso dessa caminhada de trabalhos com adolescentes, que, alguns deles, conseguem estabelecer, através da prática religiosa, teias de proteção que lhe sirvam de suporte e auxílio a esse período de passagem, da infância para a idade adulta,

De início sentimos a necessidade de compreender melhor a adolescências, esse fenômeno tão amplamente estudado nos nossos dias. Para isso fizemos um breve panorama levando em conta, as modificações a que esse conceito foi sendo submetido ao desde a Antiguidade até chegarmos a maneira como é conhecido hoje após o advento do Ideário Moderno.

Conceituando adolescência, levamos em conta também, quem são, e como se caracterizam os adolescentes hoje diante das influências do ambiente sócio cultural e econômico a que estão submetidos.

Por tratar-se de uma pesquisa que tem como aporte teórico a psicanálise, situamos, ainda o que a leitura a psicanalítica nos apresenta sobre o fenômeno, mesmo sabendo que Freud não se ateuve a uma conceituação de adolescência, por ele tratada de puberdade, mas percebendo na sua obra, importantes contribuições para entendê-la.

A psicanálise nos diz, portanto, que, na adolescência, é revivida a problemática edipiana e que, nessa fase do desenvolvimento ocorrem mudanças psíquicas muito peculiares, e significativas, tais como: luto do corpo infantil, luto do papel e identidade infantis e luto do papel dos pais da infância que podem ser responsáveis por uma carga de ansiedade bem maior que o ego ainda frágil nesta fase poderá suportar, e que sucesso desse processo de transição, será responsável pela constituição de sujeitos capazes de assumir no mundo seu destino.

Observamos também que a família, enquanto morada primeira do sujeito passou com a Modernidade, inúmeras transformações no intuito de responder às demandas lançadas pela sociedade. Entre as transformações mais significativas vividas pela família, na atualidade, citamos o que, a partir de Lacan, se convencionou chamar de declínio da “Função social do pai.”.

Segundo Lebrun (2004), pode-se dizer que o pai, na perspectiva psicanalítica, é o primeiro estranho, o estranho mais familiar. É o Outro que possibilita a separação entre a criança e a mãe, necessária para a constituição do sujeito. E é por seu intermédio que se processa o trabalho de substituição dos pais imaginários e onipotentes, dos heróis da infância, pelo reconhecimento dos pais reais, e a partir daí, serão abertas as portas para os remanejamentos da adolescência.

Para Lesourd (2004), é para atenuar a falta desse pai herói imaginado na infância, que se erguem as buscas místicas e filosóficas dos adolescentes. Essa procura de um ideal de Pai é resposta, que transcende valores e dá sentido à vida.

Ao nos depararmos com alguns adolescentes que escolherem fazer a experiência de uma prática religiosa, participando de grupos juvenis, pensamos numa religiosidade que está sendo tecida, e que possa fazer frente às necessidades de transcendência para esses adolescentes.

Concluimos, durante a pesquisa, que as mesmas bandas que tocam nas missas, nos encontros de jovens, nos louvores e adorações, animam os “happy hour” nos barzinhos, nas festinhas que são frequentadas por eles, e que servem como ponto de encontro, locais de namoros, e espaços de convivência social. Servindo-lhes de amparo.

Por causa disso buscamos compreender como os adolescentes contemporâneos estão vivenciando essas práticas religiosas, o que os leva nos dias atuais, a abrir mão de divertimentos e participações em outros grupos sociais para ocupar uma grande parte do seu tempo livre nas atividades religiosas? Percebemos durante a execução desse trabalho que, apesar da pesquisa vislumbrar apenas os jovens de denominação católica, inúmeras diferenças podem ser observadas nas formas de ser igreja dos diferentes grupos com os quais trabalhamos.

Para isso, separamos os trabalhos em três eixos temáticos, no sentido de visualizar melhor o que colhemos nas entrevistas. No primeiro eixo, que diz respeito a primeira pergunta das entrevistas.

1. CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZANDO ADOLESCÊNCIA E RELIGIÃO

Para poder estudar como as práticas religiosas são vivenciadas pelos adolescentes na contemporaneidade e de que modo as modificações oriundas do declínio da função social do pai, no mundo de hoje, exercem grande influência sobre eles, precisamos, desde logo, esclarecer o que entendemos por adolescência.

1.1 Para uma definição da Adolescência

A palavra adolescência surgiu no final do século XIII, para designar os anos posteriores à infância mais ou menos dos 12 aos 18 anos para as meninas e dos 14 aos 20 para os meninos. Aparece desde a Antiguidade nos manuais de medicina associada à segunda idade do homem sendo que a primeira era a infância.

Esteve ausente na maioria dos dicionários de língua portuguesa porque nesta fase de amadurecimento e de crescimento os jovens lusos brasileiros desde tenra idade trabalhavam para sobreviver. O historiador francês Philippe Áries (1914-1984) sugere que entre o feudalismo e a industrialização ia-se da infância direto para a idade adulta sem passar pela adolescência. Hoje, porém, sabemos que diversas civilizações utilizavam rituais precisos para marcar essa transição.

Na antiguidade grega, particularmente em Esparta e Creta, a formação dos jovens incluía ginástica, caça, equitação, mas, também, constava de experiências eróticas em que os meninos se submetiam às exigências dos “mais velhos” numa encenação onde os adolescentes eram raptados por seu “amante”.

Na idade média, o termo *Juventus* era utilizado para denominar tanto os clérigos que entravam para o Monastério quanto os jovens nobres que se destacavam pela coragem e beleza física e celebravam com uma sofisticada cerimônia, o ritual de entrada na Cavalaria,.

A partir da metade do século XVIII conceitos como adolescência e juventude começaram a se tornar conhecidos socialmente através dos avanços da Medicina, da Pedagogia e da Filosofia. Jean-Jacques Rousseau (1717-1778) foi um dos primeiros a definir a crise de identidade sexual durante a puberdade em sua obra *Emílio, ou da educação* (1762).

O termo adolescência tem sua raiz etimológica no verbo latino *adolescere*, que significa crescer, brotar, fazer-se grande, mas significa, também, uma propensão para adoecer devido às transformações físicas e psicológicas que ocorrem nesta fase da vida humana.

Trata-se, portanto, de um processo evolutivo, caracterizado por mudanças biopsicossociais que irão marcar a transição do estado infantil para o adulto. Ana Freud (1982) assinala as modificações pulsionais, a organização do eu, as relações objetais e os papéis sociais que caracterizam esse período da vida humana e dão lugar ao processo, o qual parte do equilíbrio psicossocial da infância assegurado pelo grupo familiar, passa por uma inevitável etapa de transtornos do desenvolvimento, até chegar à independência adulta.

Em que pese à importância e às mudanças que acarretam, o sofrimento psíquico, o desamparo e as freqüentes crises da Adolescência não devem ser vistos como distúrbios indesejáveis e nefastos, mas, antes, como fenômenos necessários para ensaios e erros, na busca de um novo sentido para a personalidade e para o papel social.

Levando em consideração as diversas abordagens que hoje são feitas e apresentadas para o estudo dessa instigante fase da vida humana, optamos por tratá-la como um período fronteiro, vale dizer, um período que se situa na passagem da infância para a idade adulta, conscientes, no entanto, de que assim procedendo, estamos correndo o risco de “pender” ora para um lado ora para o outro, pois este é o risco e, ao mesmo tempo, o desafio das situações de fronteira.

Mesmo que o conceito de Adolescência não tenha sido derivado do vocabulário psicanalítico e possa ser abordado em perspectivas epistemológicas as mais diversas, observamos que ele vem despertando um grande interesse e um considerável número de pesquisas por parte dos estudiosos da psicologia e também da psicanálise .

De fato, o conceito de Adolescência foi muito estudado pelos representantes da chamada “Psicologia do Ego”, cujos autores compreendem o fenômeno numa relação direta com as transformações orgânicas vividas no final da infância e na entrada da vida adulta.

Segundo Aberastury, a Adolescência é “um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social”

(Aberastury; Knobel, 1981,p. 13). Assim sendo, o adolescente vivencia desequilíbrios e instabilidades extremas, porém, como observa Knobel, trata-se de uma síndrome normal da adolescência, fundamental para que o sujeito estabeleça sua identidade.

Esses autores, mesmo não descartando a importância das influências do campo social no processo de constituição da identidade do adolescente, apresentam essas interferências como sendo uma adaptação imposta exteriormente ao sujeito, sem participação das mudanças subjetivas que estão, nele, acontecendo. Eis como se exprimem:

[...] as mudanças psicológicas que se produzem neste período... são a correlação de mudanças corporais... Quando o adolescente se inclui no mundo adulto com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo. (Aberastury; Knobel, 1981, p. 13).

É por meio das transformações corpóreas que aparecem as mudanças psicológicas, as quais, por sua vez, irão induzir mudança de identidade e a premência por uma ideologia que capacite o adolescente viver no mundo adulto transformando-o ou adaptando-se a ele.

Ainda segundo Aberastury (1981, p.15),“a identidade adolescente é composta por uma multiplicidade de identificações contemporâneas e contraditórias“. Ele ainda não pode “renunciar a aspectos de si mesmo e não pode sintetizar os que vão adquirindo“. Isso é, segundo a autora, a solução para a saída da adolescência seria conseguir harmonizar suas próprias contradições em busca de uma identidade coerente.

Outros teóricos de herança francesa (Contardo Calligaris, Jurandir Freire Costa, Rudolpho Ruffino, entre outros) chamam a atenção para a ausência de dispositivos societários que possam dar suporte ao adolescente de hoje, tais como os rituais de passagem, os quais, nas sociedades tradicionais, tinham a função de dar sentido a essa transição. Assim sendo, o sujeito precisa dar conta, sozinho, desta conversão do real ao simbólico. Para Ruffino (1996 a) , por exemplo, adolecer “é constituir-se de modo a fazer, na ‘interioridade’ da sua história subjetiva, aquilo que faltou na ‘exterioridade social’”

Reconhecendo a importância dessas duas vertentes para atender à complexidade do nosso tema de estudo, preferimos, como já foi dito, situar-nos em um lugar de fronteira, ou seja, naquele em que podemos ver a Adolescência como um período de luto do mundo infantil, necessário ao amadurecimento do sujeito e à sua entrada no mundo adulto.

Como não é possível estabelecer um limite entre o início e o final da adolescência, visto tratar-se de um fenômeno singular, que cada um vive de seu modo, de conformidade com sua história pessoal e predisposições psíquicas, achamos oportuno apresentar, numa breve divisão didática, as fases do *adolescens*, no sentido de uma melhor compreensão do tema. Temos, então, a pré-adolescência, na qual não há estirões e o crescimento em altura é constante. Em seguida, na primeira fase da adolescência propriamente dita, apresenta-se o desenvolvimento das características sexuais. Na fase média, o pêlo púbico pigmentado se desenvolve, assim como crescem os órgãos sexuais; há aceleração máxima do crescimento físico, menarca, mudança de voz, ejaculação com infertilidade. Na última fase a voz se torna grave e aparece a ejaculação com espermatozoides móveis e férteis nos rapazes e, nas moças a ovulação.

Como comportamentos característicos dessas fases da adolescência, qualquer um que tenha contato com eles pode observar: inquietude física, menor capacidade de concentração, crescente ambivalência frente aos objetos amorosos, tiques, rituais, mania de colecionar, regresso a crenças anteriores acerca de sexo apesar da informação sexual adquirida, regressão a fases libidinais anteriores, avaliação pré-genital do sexo oposto, evitamento de contato físico com os pais, etc. Os adolescentes têm, em geral, uma inabilidade para ficar sós e essa inabilidade os força a unirem-se em grupos. O grupo torna-se então lugar de encontro e partilha com os iguais.

As companhias os socorrem dos devaneios e das preocupações auto-eróticas, proporcionando-lhes ainda a possibilidade de vivenciar sua sexualidade, que passa nesta fase da vida a ser genital, suscitando do adolescente a necessidade de mostrar ao grupo social sua capacidade de seduzir um parceiro sexual.

Surgem ainda os conflitos entre a lealdade para com os pais e para com o grupo dos adolescentes, desafios a normas de linguagem, (uso de gírias e

expressões próprias), higiene e saúde, gosto por riscos, sexo oposto como troféu e não compreendido em termos de relações interpessoais.

Além disso, grandes exigências são feitas ao adolescente, pelo grupo social, especialmente na sociedade contemporânea, exigências essas que dizem respeito, entre outras coisas, à vivência intensa da sexualidade, às escolhas profissionais e à entrada no mercado de trabalho.

Todas essas atitudes irão variar de acordo com as particularidades da época e da mentalidade vigente. Algumas sociedades desenvolvem rituais de passagem, que marcam a ruptura feita pelos jovens de seus laços domésticos e consagram a passagem da vida do seio familiar para a vida comunitária, social. Esses rituais permitem que o adolescente possa mostrar a seu grupo que está se tornando um adulto, capaz de desenvolver sentimentos de segurança, auto-estima e confiança.

São esses ritos e rituais que irão autorizar o adolescente a circular por diversos grupos sociais, procurando sua identidade e construindo sua subjetividade. Este aprendizado serve para que o jovem perceba a existência de sentimentos especiais de afeto, o que o auxilia a construir suas relações afetivas fora do ambiente familiar.

1.2 A Adolescência no mundo contemporâneo

O conceito de Adolescência, assim como conhecemos hoje, é relativamente novo na História da Humanidade. Alguns teóricos afirmam, inclusive, que ela surgiu com a Modernidade, com as transformações sociais advindas dessa nova forma de viver no mundo e de acordo com aquilo que se convencionou chamar de *“ideário moderno”*.

Rodolpho Ruffino (1996) não concebe a Modernidade como algo pertencente a uma determinada idade histórica, mas como algo que caracteriza um modo de disposição social, de suas exigências e da especificidade dos laços que ela torna possível.

Com a industrialização, as pessoas que antes moravam no campo e participavam de pequenas comunidades, com suas histórias, seus mitos, seus rituais de passagem, passaram, gradativamente, a morar nos grandes centros urbanos.

Esta mudança foi acompanhada de várias outras, como por exemplo: a saída da mulher do ambiente doméstico e privado para o mercado de trabalho, o que acarretou, como consequência, menos tempo vivido no ambiente doméstico com o marido e os filhos.

Diante de todas essas transformações sociais, que ganharam peso a partir do paradigma individualista da Modernidade, tornou-se imperiosa a exigência de um excesso de informações e de competências, assim como um gradual aumento de complexidade dos mecanismos necessários ao ingresso na rede de trocas sociais que servem de ancoragem a essa passagem da infância à idade adulta. Os ritos de passagem utilizados anteriormente nas tribos, nos pequenos grupos sociais já não davam conta para atender a essa demanda, o que, de certa forma, constituiu-se como um problema para a sociedade Ocidental.

Essas foram, sem dúvida, transformações que serviram de mola propulsora para outras tantas, operando uma mudança nos papéis e lugares que, diante da intensidade e velocidade com que se processam, criam experiências desalojadoras para os sujeitos contemporâneos.

Além disso, a evolução dos meios de comunicação e de transporte encurtando as distâncias e a liberação sexual, acompanhada das inovações dos métodos anticoncepcionais, também levaram a uma significativa mudança dos padrões de atitudes sexuais e amorosas, incluindo-se aí os namoros e o próprio casamento.

Na esteira dessas transformações nos deparamos hoje com outros complicadores das relações do sujeito com o meio, com os outros, e, por consequência, consigo mesmo, como, por exemplo, a mídia que expõe cada vez mais o privado, provocando uma perda de referência entre o individual e o coletivo. O uso indiscriminado e cada dia mais precoce de drogas psicoativas, que, por sua vez, gera uma violência cada dia mais gritante nas pequenas e grandes cidades e que nos mantém sempre ansiosos, assustados e cada dia mais próximos, em nossa vida pulsional, dos nossos ancestrais mais primitivos.

Mesmo assim, quem convive, hoje, com os adolescentes não pode deixar de constatar uma super valorização da Adolescência como ideal a ser vivido e cultivado. Corpos “sarados”, sorrisos metálicos, são cada dia mais atraentes,

inclusive para os adultos, aos quais não foi permitido fazer uso deste “gozo absoluto” prometido ao jovem de hoje.

Será que a característica desta geração é mesmo a liberdade sem responsabilidade? Afinal, como não desejar uma idade em que tudo é permitido, sem que seja necessário assumir o ônus das escolhas? Entretanto, é a nossa cultura que projeta sobre essa fase da vida os sonhos de impunidade, liberdade, ausência de limites e direito ao supremo individualismo.

O que percebemos, no nosso contato com os grupos de adolescentes, é que eles não se deixam fascinar tão facilmente por essas vantagens da fase da vida que estão vivenciando. De fato, muitos deles com “*o rosto cheio de espinhas*”, muito gordos (as) ou muito magros (as), ou ainda muito baixinhos (as) para os padrões Gisele Bündchen, sem os corpos sarados dos atores globais ou hollywoodianos, eles se sentem pressionados pelos modelos de beleza e por mudanças sociais e econômicas que buscam fazer deles a “*geração Shopping Center*”, na qual o valor das pessoas é medido por aquilo que consomem e para a qual o **ter** vale mais do que o **ser**.

Na verdade, sabemos que nem tudo são flores nesse “mais gozar” da adolescência. Os jovens continuam inseguros com seus corpos, assustados com as questões da sexualidade e, na maioria das vezes, são forçados a viver esse momento de passagem sem o apoio dos adultos. De fato, os pais afirmam que eles, os jovens, têm tudo para serem felizes, visto que na época em que eram jovens, eles, os pais, não podiam sair e nem vivenciar as experiências com a liberdade que hoje dão aos filhos. Isso acontece especialmente em nosso país, visto que a geração que hoje tem filhos adolescentes viveu sua juventude submetida às durezas do regime da ditadura militar e sendo hoje pais e mães de adolescentes, afirmam categoricamente, “*não farei com meus filhos o que meus pais fizeram comigo*”.

Todavia, parecem-nos termos saído de um extremo a outro nessa relação. Certamente não pretendemos um retorno aos moldes educacional anteriores, tampouco podemos criar para esses novos membros de nossa sociedade um entorno social sem regras ou limites que possa minimamente servir de balizamento para o convívio em sociedade, visto que, será, exatamente, nesse espaço que o adolescente irá transitar, e buscar, tanto interna como externamente, novos objetos

de amor e gratificação que possam satisfazer às pressões de sua nova vida pulsional

A imagem narcísica do seu eu infantil, que ele utilizava na infância, mesmo quando se relacionava com o outro (visto que, naquela fase, tomava o outro como alguém idealizado, como projeção do próprio eu), não tem mais o fascínio que tinha. Ele irá precisar distanciar-se dos objetos infantis e ir buscar, na nova cultura, novas ancoragens que possam ajudar no processo de formação e de constituição de sua subjetividade.

1.3 O adolescente e suas representações de religiosidade

Faremos a partir de agora, uma breve incursão para descrever e analisar de que modo alguns adolescentes tornam-se membros participantes de uma prática religiosa. Vamos destacar suas particularidades e buscar as melhores formas de lidar com eles nessa experiência de grupo.

Sabemos que a forma como o ser humano se relaciona com a religiosidade está diretamente ligada à maneira como ele percebe e interpreta o mundo e a si mesmo. Isso significa que a relação com o religioso apresenta características diferentes ao longo da História da Humanidade.

Por isso, a partir de uma breve retrospectiva histórica, pretendemos mostrar como as diferentes formas de subjetivação repercutiram na experiência religiosa, enfatizando o modo como isto se expressa entre os adolescentes na contemporaneidade.

Em uma visão panorâmica, podemos dizer que as vivências e as experiências religiosas sofrem a influência dos modos de subjetivação das pessoas que a praticam, e, por outro lado, também, os modos de subjetivação estão diretamente relacionados aos modos de produção dos bens e da organização social.

Na Idade Média, imperava o regime feudal de produção de bens, a sociedade organizava-se em feudos e a Igreja tendo poder de Estado, era detentora dos princípios que regiam a moral e os costumes. Desta forma cabia à religião o papel de organizadora da vida cotidiana. A ordem terrena reproduzia a ordem do universo, visto que este era concebido como criado e organizado por um ente superior, o qual

tinha, aqui na terra, os seus legítimos representantes: papas, reis, imperadores, bispos e sacerdotes.

Nesse contexto, o homem, na sua qualidade de criatura feita à imagem e semelhança de Deus e, portanto, submetido à sua vontade, acreditava que todas as criaturas e todas as coisas eram obras de um Deus onipotente e onipresente, cabendo a ele o ofício de cumprir os insondáveis desígnios de Deus.

Com a queda do regime feudal teve início uma nova *Weltanschauung*, vale dizer, uma nova forma de ver e de compreender o mundo. A ordem das coisas não retratava os desígnios de Deus, mas era criada pelo próprio homem. Com esta mudança de paradigma, a forma do homem ver, compreender, vivenciar e expressar sua religiosidade foi, também, influenciada pelo novo lugar que ele, enquanto sujeito do Cogito, vale dizer, enquanto sujeito racional ocupa no universo, tornando-se senhor de todas as coisas, na medida em que é doador de seu sentido.

Com a ascensão da burguesia como nova classe social, as relações começaram gradativamente a se modificar. O poder absoluto dos reis e dos soberanos começou a ser questionado levando a Igreja, enquanto instituição, a perder sua hegemonia.

A Revolução Francesa corroborou os ideários de igualdade, liberdade e fraternidade que, se não se realizaram plenamente, ao menos promoveram uma substancial transformação nas visões do homem, do mundo e nas relações que se estabeleceram a partir dessas transformações.

Descartes modelou toda a cultura moderna com ideias que influenciaram decisivamente essas mudanças. Se, a máxima é: *penso, logo existo*, ciência e técnica passam a ocupar o espaço antes reservado à religião, enquanto detentora da moral e da ética e a ordem que rege a sociedade e cria as leis não mais se situa fora do homem, mas, dentro dele, fazendo do sujeito criador e interprete do seu próprio mundo e centro de referência de toda a organização humana. É a chamada primazia do sujeito.

Entre as inúmeras transformações que a Modernidade inaugurou podemos lembrar como significativas para o nosso estudo: a saída das pessoas do campo para as cidades, fenômeno cultural que culminou com a mudança da moral pública, em que tudo era partilhado pela comunidade, para uma ética individualista. A propriedade privada e a produção excedente de bens, a industrialização da

economia, e as modificações nas relações existentes no seio da família, que ocorreram principalmente com a saída da mulher para o mercado de trabalho, e, como não poderia deixar de ser, a religião enquanto expressão cultural, também, passa a ser vista sob outro olhar.

Desta forma, o homem inaugura uma nova *Weltanschauung*, (visão de mundo), que culminou na “morte de Deus” anunciada por Nietzsche ou na laicização da sociedade.

A Modernidade, porém não cumpriu o que prometeu, não nos tornamos libertos, fraternos e tampouco iguais. Apesar de suas promessas de libertação, a Humanidade viveu pelo menos duas grandes guerras, fome, crescimento da miséria, e um agravamento das injustiças sociais que irá refletir na distância cada vez maior entre os mais ricos e os mais pobres do mundo.

Várias são as denominações desse momento histórico em que nos encontramos agora. Alguns estudiosos o denominam de *pós-moderno*, outros de *modernidade tardia*, outros ainda afirmam que “*nunca fomos modernos*”. Sem nos deixar deter pelas denominações, percebemos que o que realmente se apresenta é uma lógica própria: a supremacia do indivíduo, que aparece em todas as esferas de convivência social.

Na clínica de psicologia, a vivência desse tempo de profundas transformações socioculturais, econômicas e políticas, a velocidade com essas transformações tem acontecido, e a publicitação do privado em tempo tão real que não se consegue dar conta, tem-se revelado como causa de adoecimento psíquico do sujeito.

Trata-se de um adoecer que é da ordem do excesso, dos sintomas que se inscrevem no corpo. Os sujeitos, de maneira especial os jovens, vivem hoje, desterritorializados, sem o apoio das tradições, dos mitos e das cerimônias que já não cumprem o papel de fazer a passagem de uma etapa à outra da existência. Sobre esse assunto cito Gilberto Safra quando afirma que “é por meio da cerimônia que os grandes eventos do destino humano são experimentados em companhia de todos, alcançando dessa forma a possibilidade de serem transcendidos pelo homem”. (SAFRA, 2004, p.47)

E é a isso que nos referimos quando buscamos compreender as práticas religiosas de alguns adolescentes e a ânsia que percebemos em cada um deles

desse encontro, dessas vivências que possam favorecer a celebração da vida e da morte, acontecimentos fundamentais da existência humana, com os quais começam a ter contato na adolescência.

O que percebemos, portanto, é que a religião, na contemporaneidade, vai sofrer influência da fragmentação promovida pelo processo de globalização e de alguns elementos característicos desta sociedade entre os quais destacamos o niilismo, caracterizado aqui, tanto pela dissolução dos fundamentos éticos da vida que se sustentavam na esfera do sagrado, quanto pela falta de referência aos valores e ideais propostos pela tradição.

De acordo com o que diz Giovanetti (2002, p. 42-43) o niilismo aqui entendido como aceitação filosófica do nada, como princípio e fim de todos os valores. Não se apresenta de uma única forma, mas se propaga de várias formas e, ao diluir as referências externas que serviam como ponto de ancoragem é vivenciado pelo homem contemporâneo como uma experiência traumática, contra a qual ele se defende de diversas maneiras.

Diante da sociedade que, apresenta numa tetralogia cujos componentes são: o hedonismo, (busca simplesmente do prazer) o consumismo, (primazia do ter sobre o ser como sentido da vida), a permissividade (“é proibido proibir”, a perda dos limites como algo necessário para que se possa viver a liberdade.) e, finalmente, a relatividade (não há nada absoluto, nem totalmente bom nem mau, é a lógica do “tanto faz, é você que determina, tanto faz se é de álcool ou gasolina”)²

Essa atitude niilista além de se propagar de forma avassaladora nas manifestações culturais e na organização social atinge, também, o universo religioso.

Além do niilismo, outra característica da sociedade contemporânea que influencia a experiência religiosa é a ideologia individualista, que coloca o indivíduo como centro da sociedade e quebra o sentido de coletividade e de formação de comunidades. Dentro desta ideologia as regras máximas são: “não necessito do outro para ser feliz”, “devo buscar o meu prazer sem me preocupar com o outro”. Quebra-se facilmente o “pacto social”.

² Propaganda vinculada na Mídia em relação ao automóvel da Fiat, totalflex que faz menção ao fato de que o sujeito já não precisa escolher entre um ou outro padrão de comportamento (ir ao campo ou a praia, por exemplo) ele pode perfeitamente ter os dois. Jargão largamente utilizado pelos adolescentes.

Nesse contexto de indivíduos absurdamente autocentrados, vive-se um tipo de religiosidade adaptada às próprias necessidades e, portanto, pratica-se a solidariedade apenas quando esta satisfaz desejos pessoais - só ajuda o outro se esse comportamento trazer satisfação pessoal, não o faço por um compromisso ético com a comunidade.

Por outro lado, paradoxalmente, talvez nunca se tenha falado e buscado com tanto ardor o mundo religioso, quem sabe como teia de proteção ou resposta às questões existenciais que não podem ser respondidas pela razão. Vivemos o fim de um tempo; e igualmente a possibilidade de um novo começo, um adolescer, algo novo, frente à insatisfação e a indefinição do tempo atual tempo de trânsito e de passagem, que de acordo com Giddens (1991, p.12):

[...] resulta, em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apunhalados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle.

Algo de novo ocorre, uma realidade híbrida, que busca alguma coisa para além do desalento, do niilismo, da desesperança, que anseia por novas tendências e atitudes que superem as promessas ilusórias da “Razão Ilustrada”. Nesse contexto, os símbolos que interligavam os seres humanos em suas relações intersubjetivas dão lugar a signos carentes de significados, surgindo assim, a necessidade de uma proposta de reflexão sobre a experiência religiosa, visto que ela é passível de oferecer símbolos e narrativas, que em uma dimensão transracional, poderão servir de suporte e sentido a existência humana.

Na verdade, o que temos observado, principalmente em nosso trabalho com grupos de adolescentes é que a atual onda de religiosidade demonstra que essa dimensão religiosa está assumindo novas formas de apresentação. Ou seja, está surgindo no cenário contemporâneo um novo tipo de religiosidade capaz de conviver com os padrões de nossos dias.

Enquanto na sociedade tradicional o religioso instituía e organizava a sociedade, hoje ele passa a desempenhar o papel de compensador dos desgastes da vida social, tão abalada por essas características desalojadoras da sociedade. Esse deslocamento do lugar do religioso caracteriza-se pela resistência às

instituições e esvaziamento das obrigações e dos rituais que possibilitavam e sustentavam a manifestação da fé, fundada na espontaneidade do sentimento, que servia para satisfazer as necessidades subjetivas do indivíduo.

Além disso, embora questionando os antigos modelos de religiosidade por considerá-los incompatíveis com o modo de vida contemporâneo, os jovens continuam buscando no divino, no transcendente, as respostas para as grandes questões da humanidade.

Não pretendemos defender neste contexto, um retorno a uma religiosidade medieval, já que a Modernidade inaugurou uma nova maneira de ver o mundo. Constatamos apenas que Deus, ao contrário do que foi imaginado nas projeções realizadas no início da Modernidade não está morto. Talvez o que se deve é descobrir a melhor maneira de viver essa importante dimensão do ser humano, ou seja, o contato com o Divino, mediatizado pela convivência harmônica entre as pessoas.

Acreditamos que esses adolescentes que, cada vez mais, escolhem viver essa dimensão da espiritualidade participando de grupos juvenis, trabalhando em EJC (Encontro de Jovens com Cristo), fazendo vigílias jovens, romarias, enfim, todos os rituais comuns ao universo católico que, durante muito tempo, foram da responsabilidade dos membros mais velhos da comunidade, estão buscando essa religiosidade esse contato com o transcendente, tentando, dessa forma, tecer uma fé que além de atender sua necessidade de convívio com o sagrado, possa fornecer, também, regras, leis, serviço ao outro, participação social, modos de vida em comunidade que o entorno social não os tem oferecido.

Percebemos ainda durante esse trabalho que os adolescentes participantes dessa pesquisa, freqüentam a igreja e desenvolvem práticas religiosas, sem, necessariamente, abrir mão daquilo que antes se convencionou chamar de “vida mundana”. Dançam, namoram, ficam, preocupam-se com o corpo, com as exigências da mídia, submetidos que estão a cultura em que estão inseridos.

Diante disso o grande desafio aos educadores, catequistas, enfim aos adultos que lidam com a fé desses adolescentes, é, estarem preparadas para, a partir das demandas trazidas por eles, fazer a passagem de uma “religiosidade individualista”, para uma prática que, sem abrir mão da singularidade e sem pretender voltar às

práticas religiosas ritualísticas, possa estar embasada no encontro com o Outro. O Outro que permite sair de si e formar comunidade, partilhar a vida.

Precisamos também, enquanto educadores, formadores de novas gerações, tentar promover essas instâncias de sentido, tão necessárias ao desenvolvimento, tanto do individual quanto do coletivo. E esperar que nossos jovens possam encontrar nessa participação em grupos de orientação religiosa espaços de convivência e transcendência, para que não tenhamos de conviver com jovens que queimam índios “por pensar que era um mendigo”, ou que espancam uma mulher, por “achar que era uma prostituta”.

2. CAPÍTULO II: RELIGIÃO E PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A sociedade contemporânea vem passando por intensas transformações e a rapidez com que elas têm acontecido despertadas em nós um sentimento de impotência para acompanhá-las. Estamos vivendo um processo de dessimbolização, que repercute na formação das subjetividades e culmina com mudanças radicais de ritos e papéis. Faz-se necessário, dessa forma, restituir instâncias criadoras de sentido, tais como a família, que se constitui como morada primeira do sujeito, e a religião que tem o papel de confrontá-lo com os problemas da transcendência e da finitude.

Enquanto profissionais de psicologia, estamos descobrindo no exercício da atividade clínica, que o jovem de hoje vive uma situação crítica de desconstrução das instituições tradicionais (família, escola, atelier de trabalho e religião). Todavia, ainda sobrevivem nichos de sentido, que interagem entre si, embora sem impor sua hegemonia. Um recorte feito a partir de uma pesquisa mundial mostra, por exemplo, que as instituições mais valorizadas pelos jovens ainda são a família, os amigos, o trabalho (como sustento, mais do que vocação) e, por fim, a política e a religião.

Na perspectiva filosófica, a religião e sua prática são manifestações tipicamente humanas, presentes em todos os tempos, lugares e fases da vida, fazendo parte, pois, do processo de constituição da subjetividade humana. Observamos, porém, que em nossa sociedade os mitos e ritos que serviam de suporte para a passagem da adolescência para a fase juvenil e adulta já não são mais tão valorizados como o eram antes. Em todas as civilizações ritos especiais cumpriram esse papel e na sociedade contemporânea não temos encontrado facilmente essas manifestações.

Neste nosso trabalho de pesquisa, nos propusemos a observar se a dimensão simbólica das práticas religiosas pode atuar como facilitadora na formação da subjetividade do adolescente. Para isso, entrevistamos adolescentes que têm práticas religiosas em grupos ligados à Igreja Católica, ainda que em diferentes áreas.

Antes, porém, de falarmos sobre as práticas religiosas desses grupos de rapazes e moças ligados à Igreja Católica, interrogaremos a princípio sobre a

dimensão religiosa do ser humano. Será o homem um animal naturalmente religioso?

Segundo Leloup (2004), algumas correntes de pensamento afirmam que sim e vêem nessa religiosidade uma maneira de lidar com o medo diante das forças da Natureza, uma forma de se reconciliar com elas por meio de rituais e sacrifícios. Outros teóricos, porém, dizem que a religiosidade é um esforço para dar sentido à vida e às experiências de sofrimento e lidar com o mal do mundo. Outros, ainda, afirmam que a religião busca satisfazer o desejo de infinito, de transcendência do homem.

Nosso trabalho nos mostrou que o adolescente contemporâneo atravessa todas essas dimensões da prática religiosa: lida com seus medos naturais, com as mudanças que estão acontecendo no seu corpo e que ele ainda não consegue administrar satisfatoriamente, com as exigências sociais advindas dessas mudanças corpóreas (visto que corpo físico é que vai dizer ao social que aquela criança está entrando na idade adulta). A religião, como observamos pode servir, principalmente para auxiliar os adolescentes a lidar com as chamadas “doenças da contemporaneidade” por eles denominadas: “solidão, medo do futuro, falta de perspectivas, medo de perder as pessoas que ama, da violência, etc.”.

Existem ainda alguns estudiosos que colocam na origem das religiões “a experiência de uma realidade que transcende as realidades costumeiras e ancora a consciência a uma outra Consciência”. (LELOUP, 1998, p. 11).

A palavra portuguesa *religião* deriva da palavra latina *religio*. No decorrer da história foram propostas várias etimologias para a origem de *religio*. Cícero, na sua obra *De natura deorum*, (45 a.C.) afirma que o termo se refere a *relegere*, reler, sendo característico das pessoas religiosas prestarem muita atenção a tudo o que se relaciona com os deuses, relendo as escrituras. Esta proposta etimológica sublinha o carácter repetitivo do fenómeno religioso, bem como o seu aspecto intelectual. Mais tarde, Lactâncio (século III e IV d.C.) rejeita a interpretação de Cícero e afirma que o termo *religio* vem do verbo *religare* que significa religar, argumentando que a religião é um laço de piedade que serve para religar os seres humanos a Deus.

No livro *A Cidade de Deus*, Agostinho de Hipona (século IV d.C.) afirma que a palavra *religio* deriva de *religere*, "reeleger". Através da religião a Humanidade

reelegia, de novo, a Deus, do qual se tinha separado. Mais tarde, na obra “*De vera religione*”, Agostinho retoma a interpretação de Lactânio, que via na palavra *religio* uma relação com “*religar*”. Por sua vez, Macróbio (século V d.C.) era da opinião que a palavra *religio* deriva de *relinquere*, algo que nos foi deixado pelos antepassados.

A religiosidade, portanto, acompanha a humanidade em seus percursos e pode ser encontrada em todas as Civilizações, atendendo às singularidades de cada povo e aos seus momentos histórico, econômico e político, influenciando e sendo diretamente influenciada pela forma de estar no mundo e de relacionar-se enquanto sociedade.

Segundo Sanchis (1997), no Brasil esse encontro foi marcado pelo domínio da cultura europeia sobre a cultura do nativo e do africano. Cada um desses povos trouxe suas contribuições culturais e religiosas, dando origem ao que se convencionou chamar “Matriz Católica”, propiciando a nosso povo um modelo de fé que apresenta uma tendência à hibridização e ao sincretismo religioso.

No entanto, o catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado pela diversidade em que a pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração. Ainda segundo Sanchis (1997), a identidade católica se caracteriza pelo fato de comportar: “*religiões demais nesta religião*”. Assim como impressiona pela capacidade de adaptação e ajustamento dessa religião às novas situações: “*quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crença e de prática da fé existentes também fora do catolicismo*” (grifo nosso).

Desta forma, não podemos o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade, visto que, existem muitos “estilos culturais de ‘ser católico’”, poderíamos mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial”, um catolicismo dos “reafiliados”, marcado pela inserção num “‘regime forte’ de intensidade religiosa” (CEBs, RCC) e um emergencial catolicismo midiático. Estas não se constituem realidades estanques e cristalizadas, mantendo as relações de comunicação, de proximidades, tensões e distanciamentos.

Os diversos censos realizados no Brasil não conseguem captar essa plasticidade religiosa, e muito menos a realidade cada vez mais presente do trânsito religioso ou da dupla (ou tripla) pertença religiosa. Indaga-se sobre a identidade

religiosa do informante, sem levar em conta suas práticas e crenças, havendo inclusive a denominação bastante usual dos “católicos não praticantes”.

O *catolicismo oficial*, como outras instituições religiosas tradicionais, encontra-se num momento de crise e declínio. É algo que se relaciona com a progressiva afirmação de uma “sociedade pós-tradicional”, que coloca em questão a forma usual de preservação da tradição e exige processos criativos de sua reinvenção e inserção no tempo.

Observamos que na contemporaneidade, a religião tradicional encontra-se em decadência, visto que, nas sociedades pós-tradicionais os indivíduos tendem a se desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer através de um processo de desfiliação em que os vínculos com as práticas tradicionais, o sentido de pertença social e cultural, passam a ser opcionais e todas essas transformações ocorridas no contexto social influenciaram e continuam influenciando diretamente a vivência da religião.

Em sintonia com a conjuntura eclesial internacional, A Igreja Católica no Brasil vem investindo na reinstitucionalização ou recatolização, com campanhas bem precisas na linha de uma melhor internalização dos valores religiosos instituídos, buscando incentivar uma presença da Igreja Católica na sociedade, A RCC (Renovação Carismática Católica) é um bom exemplo desse *catolicismo de reafiliados*. É um movimento fundado na pertença por opção e que promove uma “re-adesão” aos valores tradicionais do catolicismo, daí sua busca de sintonia com a igreja oficial.

Outro exemplo de catolicismo de reafiliados é o das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). É uma experiência que traduz para seus participantes uma mudança significativa no campo do exercício religioso. A inserção nas CEBs provoca em âmbito vital uma reorganização ética e espiritual. Os participantes das comunidades passam a compartilhar uma nova identidade “novo jeito de ser Igreja”,

As CEBs viveram o seu momento de maior efervescência nas décadas de 70 e 80, envolvendo distintas formas de pertencimento durante os chamados “anos de chumbo” da Ditadura Militar, através do trabalho renovador da Teologia da Libertação³, cujos reflexos e posições em favor dos oprimidos eram considerados

³ Segundo Rose Marie Muraro, o nome *Teologia da Libertação* foi criado em 1972 pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, baseado nas experiências e atividades do laicato brasileiro sob influência de Dom Hélder. (Muraro, 2000:187)

práticas subversivas. A partir do final dos anos 80, com os novos ventos da conjuntura eclesial internacional, encontraram inúmeras resistências e mesmo impedimentos para a continuidade de sua afirmação criadora.

Segundo os autores da Teologia da Libertação, como Leonardo Boff, por exemplo, a atuação política da Igreja e dos cristãos deveria ser baseada no amor, enquanto lei fundamental da perfeição humana, e da transformação do mundo. No entanto, não bastava simplesmente amar: era necessário demonstrar esse amor em “serviço concreto” para o próximo. Esse serviço, para a Igreja, abrangia, dentre outras coisas, a educação política dos cristãos, a qual visava alertar para a importância de sua atuação política direta no mundo.

A verdadeira fé cristã, aos olhos da Teologia da Libertação, deveria incentivar esse inter-relacionamento, lutando contra a opressão e a favor da justiça social. Caso isso não ocorresse, caso o cristão reduzisse sua fé a orações e rituais litúrgicos, ele não seria um verdadeiro cristão e não praticaria a verdadeira fé, (Boff, 1988).

Apesar de inúmeros teóricos afirmarem que a Teologia da Libertação continua atuante, não se pode negar que sua mensagem é muito criticada e combatida pela alta cúpula da Igreja que não vê com bons olhos esse jeito de ser Igreja na América Latina.

“Um importante fenômeno emergente no campo religioso brasileiro é o do catolicismo midiático, intrinsecamente ligado a Renovação Carismática Católica que, junto a outros setores eclesiais, implementaram um outro jeito de ser Igreja”. Foi através dessa participação nos meios de comunicação de massa que a RCC marcou presença na sociedade brasileira. Utilizando-se dos meios de comunicação como instrumentos para fazer frente ao progressivo processo de “destraditionalização” em curso na sociedade brasileira e apostar na reinstitucionalização católica.

Coincidindo portanto, com a abertura política e as mudanças sociopolíticas no cenário nacional na década de 80 assim como a expansão da economia neoliberal e globalizada assistimos, o surgimento do fenômeno dos “padres cantores” reunindo multidões em mega-espetáculos, assim como o movimento dos “surfistas de Cristo”, dos “atletas de Cristo”, têm conseguido reunir vários jovens para fazerem parte de

grupos religiosos católicos, empenhados na procura de respostas para as grandes questões da Humanidade no divino, no transcendente.

Machado e Mariz (199) chamam a atenção para esse novo fenômeno no cenário das religiões no Brasil, vale dizer, a instauração de um *pluralismo religioso, de uma religião voltada para um mercado religioso*, denominada por alguns estudiosos como “religião de supermercado”, “de prateleira”, baseada nas necessidades momentâneas do sujeito. Caracterizado pela prática das romarias, das peregrinações, das promessas, enfim, de uma religiosidade na qual, como se costuma dizer: “entro, pego o que preciso para sanar minhas dores e saio”.

Esse tipo de religiosidade caracteriza-se pelo não comprometimento sócio-político e pela não preocupação com a formação de comunidades. Uma religião que se apresenta, quase sempre, individualista, ritualística, trazendo de volta às igrejas práticas, até certo ponto, menos frequente em momentos anteriores como, por exemplo: grupos de oração, filhas de Maria, Adorações ao Santíssimo, etc.

A principal característica desta “nova modalidade de fé” é a ênfase no indivíduo e nas suas escolhas livres, permitindo a ele optar por apenas um tipo de credo, uma identidade religiosa, fugindo um pouco do sincretismo religioso comum ao país. Assim observamos que “*esses grupos se destacam por defender uma afiliação religiosa exclusiva, rejeitar qualquer mistura religiosa e pregar um maior compromisso do indivíduo com a instituição*”. (Machado & Mariz).

Dessa forma, também, essa nova modalidade religiosa irá inaugurar uma rejeição às práticas religiosas que não correspondem a sua escolha, diferenciando da antiga forma de “empréstimos mútuos” que estávamos acostumados a ver no Brasil. Parece-nos, de fato, uma disputa de terreno, de fiéis e de mercado religioso, importando da mídia e da sociedade de consumo slogans, utilizando-se dos meios de comunicação de massa para arrebanhar fiéis.

Luiz Eduardo Soares (1993) considera que o conflito religioso chamado “guerra dos pentecostais contra os afro-brasileiros” tem o mérito de separar com radicalidade e fundar bases de uma experiência de sociabilidade associada a uma postura cultural excludente e diferenciadora, oposta à nossa tradição sincrética, o que considerou como um reordenamento do campo religioso brasileiro.

O que fica claro durante a observação desse breve percurso histórico religioso em nosso país é que as transformações sociais a que estamos todos

submetidos e que nos diferenciam radicalmente dos nossos antepassados, refletem-se, também na forma como vivenciamos a religiosidade, diferentemente dos nossos avós e das gerações que nasceram e se criaram cercados dos símbolos, dos sinais e das afirmações da fé cristã e – principalmente – católica sem portanto desacreditar nas rezadeiras, cartomantes, e outras manifestações.

Atualmente o que vemos é que vivemos num mundo em que a religião desempenha mais o papel de cultura e força civilizatória do que propriamente de credo de adesão e de rituais que busquem dar sentido à vida. Um mundo plural em todos os aspectos e termos. Uma pluralidade advinda da globalização que afeta todos os terrenos: o econômico e social, o psicológico e como não poderia deixar de ser: o religioso.

Essas novas formas de estar no mundo têm afetado de maneira bastante particular os adolescentes que precisam da ancoragem do social em suas buscas e inquietações particulares, o que se reflete em seus modos de subjetivação e, por conseguinte, em seu modo de ser igreja.

Por isso desenvolvemos esse trabalho, no sentido de tentar perceber como os adolescentes estão lidando com a prática religiosa hoje em nossa cidade, em diferentes bairros que apresentam realidades socioeconômicas bem distintas. Para isso, trabalhamos com grupos de jovens de dois bairros da Região Metropolitana do Recife. Um que identificamos como grupo de jovem do meio popular, (Casa Amarela) e um de classe média e classe alta (Casa Forte).

Mesmo que não nos tenhamos detido nesse aspecto da pesquisa, não pudemos deixar de levar em conta as peculiaridades de cada um deles, tanto no que diz respeito ao tipo de vida e de problemática enfrentado pelos adolescentes, quanto no que diz respeito às diferenças encontradas em seus “jeitos de ser igreja”.

Para orientar-nos nesse trabalho utilizamos o Método Qualitativo de pesquisa, por ser ele que nas ciências humanas, se propõe a analisar os fenômenos (visíveis ou ocultos), que não são passíveis de mensuração (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação, um estilo próprio de resolução de problemas, etc.). Por isso, pareceu-nos o mais adequado para responder às nossas questões.

Além disso, este método inclui a subjetividade no próprio ato de investigar, que está presente tanto na fala do pesquisador quanto na do sujeito entrevistado.

Desta forma, a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de normas e símbolos, na medida em que ela mesma é um deles e possui, ao mesmo tempo, a capacidade mágica de transmitir as representações vividas em grupos determinadas pelas condições históricas e sociais de uma determinada Cultura.

Não nos arvoramos em construir conceitos, nem tampouco em perseguir generalizações, e sim, nos empenhamos na possibilidade de uma representação aceitável da realidade, deixando aberta a possibilidade de outras interpretações.

Nosso objetivo foi compreender de que forma os adolescentes percebem sua participação em movimentos religiosos de confissão católica e que subsídios esses movimentos podem oferecer para a formação de suas subjetividades, particularmente no que se refere às dificuldades oriundas do declínio da “função social do pai”.

Utilizamos inicialmente uma documentação indireta, seja através de pesquisa bibliográfica seja em fontes secundárias, (jornais, livros, revistas, conferências, etc.) delimitando os referenciais teóricos seguidos na pesquisa. Deparamo-nos, portanto, com algumas dificuldades em articular o ponto de vista psicanalítico com a leitura desse fenômeno na contemporaneidade.

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos ainda, uma observação direta intensiva, embora não estritamente participante, no campo no qual os fenômenos aconteciam. Visitamos os grupos dos adolescentes, conhecemos os trabalhos que eles realizavam em suas paróquias e sorteamos aleatoriamente os que seriam entrevistados.

Para ter acesso a esses dois grupos, optamos pelo “sistema de rede”,⁴ no qual buscamos um “ego focal”⁵. Segundo sugestão de Elizabeth Bott (1976), chamamos “ego focal” aquele que dispõe de informações a respeito dos grupos em estudo e que pode indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio. Essas pessoas, por sua vez, indicaram ou fizeram referências, a outras pessoas, e assim sucessivamente. Esse “sistema de redes” se mostrou bastante eficaz, visto que, embora pertencendo a grupos diferentes os adolescentes se conhecem, apesar de não se “misturarem”. Nos grupos que observamos encontramos uma certa uniformidade social. Embora, os dogmas religiosos fossem os mesmos, a vivência

⁴ “Conceito de rede tem como referencia a todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com os quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato” Cf. BOTT, Elizabeth (1976).

⁵ Idem Ibidem.

desse dogma e o “jeito de ser igreja” era marcado pela classe social a que pertenciam e pelo líder adulto do grupo, (fosse ele o pároco, o diretor espiritual ou mentor do movimento, ou ainda aquele que, naquele momento, estivesse como coordenador do grupo).

Na pesquisa científica, ao buscarmos compreender um determinado fenômeno humano, também procuramos um modelo minimamente organizado que possa servir de referência na compreensão do mesmo fenômeno ou de um similar que se apresente em outro momento. Nesse nosso trabalho, portanto, tentamos, compreendermos melhor o sujeito adolescente e suas relações com Deus e com os valores religiosos.

Segundo Turato, na Pesquisa Qualitativa, a entrevista é a técnica mais utilizada na coleta de dados, podendo ser de vários tipos. Utilizamos, então, a entrevista semi-diretiva com uma pergunta disparadora: *O que você vem buscar na igreja? Esta pergunta serviu para iniciar a entrevista e abrir espaços para que o entrevistado tivesse oportunidade de discorrer livremente sobre o tema, sem se preocupar em dar respostas certas ou erradas.*

Para fazermos as entrevistas, contamos com oito jovens que há, pelo menos um ano, participam de movimentos religiosos de confissão católica (EJC, Grupos de Jovens de meio popular, grupos em paróquias) e que tinham à época entre 14 e 18 anos, todos residentes na área metropolitana da cidade do Recife.

Inicialmente conversamos com cada um deles para conhecer o desejo de participar do projeto de pesquisa e só aí entramos em contato com os pais e responsáveis para receber a devida autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e finalmente marcamos a data da realização das entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas nas residências dos próprios jovens.

Desses adolescentes, 04 (quatro) são de classe média e classe média alta e 04 (quatro) são do meio popular. Sentimos a necessidade de explicitar este dado em relação à condição socioeconômica dos entrevistados, porque constatamos diferenças e semelhanças oriundas ao ambiente cultural em que estavam inseridos, tanto no que diz respeito ao modo de vida quanto à sua forma de ser igreja.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e em lugar privado. Gravadas em MP3 e, posteriormente, transcritas, tentando manter o máximo de

fidelidade com relação ao que foi dito. Foram registrados ainda: os gestos, os comportamentos, os momentos de silêncio e as dificuldades de alguns deles em falar de determinados temas. Essas dificuldades tornaram-se relevantes quando levamos em conta, outros tipos de linguagem, que não a verbal, como forma de comunicação.

A principal técnica de análise do material foi a Análise de Conteúdo (MINAYO, 1999; FRANCO, 2005). Este procedimento é utilizado para fazer inferências acerca de dados verbais e/ou simbólicos, obtidos a partir de documentos, entrevistas e observações.

A análise se inicia com base no conteúdo manifesto e explícito, porém isto não significa que se descarte a possibilidade de analisar os conteúdos que ficam nas entrelinhas do discurso e o contexto histórico em que foram produzidos.

Nesse sentido, Turato (2003) nos propõe uma interpretação de sentidos e significações associadas a sentimentos, pensamentos e comportamentos manifestos nas relações interpessoais nos diversos grupos sociais, (família, grupos de convivência social, como o que estamos estudando), presentes além do dito, no não dito e no interdito.

Por isso, para facilitar a compreensão do trabalho, resolvemos apresentá-lo divididos em eixos temáticos os resultados que obtivemos nas entrevistas. Porém devido à complexidade de cada um desses eixos trabalhados, sabemos não sermos capazes de esgotar a temática, mas nos propusemos a abrir caminhos e possibilidades para futuras investidas.

3. CAPÍTULO III: A ADOLESCÊNCIA: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Mesmo que não exista em Freud a preocupação de discutir ou conceituar a Adolescência, nem tampouco encontremos, nele, uma teoria sistematicamente elaborada sobre esse período da vida, encontramos em seus textos alguns referenciais bastante úteis sobre a puberdade e o trabalho de resignificação das experiências da infância como modo de adesão à fase adulta.

Assim sendo, o que em Freud poderia definir a Adolescência? Para ele, a Adolescência é acompanhada de transformações corporais e psíquicas. Nela tem lugar uma manifestação especial do dinamismo pulsional, particularmente com a entrada da libido na fase genital, sendo este dinamismo pulsional marcado, sobretudo pela reatualização do Complexo de Édipo e de Castração. Eis como ele se exprime:

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e velha gerações (FREUD, 1905 p.214).

Ocorrem com os sujeitos adolescentes, do ponto de vista estrutural e da formação dos laços sociais, as transformações corporais, a queda da imagem ideal dos pais, a necessidade de fundar sua identificação em referenciais simbólicos, a elaboração do processo de alienação e separação, etc. Como observa Alberti.

A partir do momento em que o sujeito, saído da infância, se depara com o real do sexo, a puberdade é o próprio encontro mal sucedido - traumático com este real. O real do sexo é por definição algo que jamais poderá ser simbolizado, deixando o sujeito - em linguagem do senso comum - sem palavras (ALBERTI, 2004, p.26).

A Adolescência é, portanto, um acontecimento psíquico cuja emergência responde a uma necessidade de estruturação para sua eficácia se faz necessária uma operação do simbólico, correspondendo ao estado de anseio e à urgência subjetiva pelo apelo ao Outro, num mundo em que a eficácia da função social do Γ vem sendo minimizada.

Segundo Freud, o aparelho psíquico possui uma organização estrutural, tópica, dinâmica e econômica e a energia que o mobiliza é de natureza pulsional. Organiza-se segundo o princípio do prazer e o princípio da realidade, funciona nos níveis consciente, pré-consciente e inconsciente e impele o organismo em busca de gratificações.

Na reformulação que fez de sua doutrina do psiquismo em 1923, Freud substituiu o sistema consciente, pré-consciente e inconsciente pelas instâncias psíquicas: Id, Ego e Superego. O ego precisa se organizar para afastar da consciência os representantes psíquicos das pulsões que são insuportáveis e que ele não consegue controlar, nem integrar. Para isso, utiliza mecanismos de defesa como a repressão e o recalque. Compreende-se facilmente que essa operação de defesa possa ser bastante penosa para o adolescente, pois este ainda não possui uma estruturação psíquica amadurecida capaz de equilibrar de maneira satisfatória as exigências dessas instâncias psíquicas e o trabalho de integração do Ego.

De acordo com Andriatte⁶, na Adolescência ocorre uma transformação generalizada do indivíduo, que engloba tanto os aspectos biológicos quanto os sociais. Nela devem ser enfrentados os lutos e os micro-lutos que envolvem essa etapa evolutiva da vida e a construção de uma nova identidade que está diretamente associada à capacidade do adolescente de aceitar substitutos para os objetos de suas relações primordiais. As inúmeras e profundas perdas, a que são submetidos fragilizam-nos ainda mais, reativando consideravelmente suas ansiedades.

Aberastury e Knobel (1981) resumem os principais lutos que precisam ser vividos no trabalho de travessia da infância para a idade adulta. São eles:

a) *O luto pelo corpo infantil.* O corpo transforma-se tão rapidamente que o adolescente não consegue controlá-lo. Isto gera um sentimento de discordância, pois, ora o indivíduo deseja que as mudanças ocorram, ora se aborrece e se amedronta com elas.

b) *O luto pelo papel e identidade infantis.* O adolescente perdeu os privilégios que lhe dava sua condição de criança e ainda não adquiriu as vantagens que acredita existir na vida adulta.

⁶ Mestre em Psicologia da Saúde, Psicóloga, Pedagoga, Especialista em Grupo Operativo, Professora e Supervisora da Universidade Presbiteriana Mackenzie (amandriatte@uol.com.br).

c) *O luto pelo papel dos pais da infância.* O adolescente vive sentimentos de profunda ambivalência em relação aos pais por que ao mesmo tempo em que abertamente discorda dos desejos e ideias que eles manifestam, sente receio de assumir seus próprios desejos, movidos pelo temor de não ser capaz de suportar as suas consequências.

Segundo os acréscimos feitos por Freud ao texto de 1905 - *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* - para viver efetivamente esses lutos e construir sua identidade, o adolescente precisa refazer seus investimentos objetais, confrontar-se com a diferença entre os sexos e encontrar um parceiro amoroso, ressignificando suas fantasias edípicas e saindo em busca de novos destinos para a pulsão. Para isso poderá lançar mão tanto de saídas sintomáticas, como daquelas mais criativas.

Em *Romances Familiares* (1905) e *Algumas Reflexões sobre a Psicologia do Escolar* (1914) Freud diz que o adolescente precisará fazer o “desligamento dos pais” ou “o afastamento do primeiro ideal”. Esse afastamento, porém, não significa uma separação real dos pais, antes significa que, ao decepcionar-se com os pais, percebendo-lhes as falhas que na infância não eram percebidas, o adolescente sentirá necessidade de modelos identificatórios e de novos objetos vindos do social que lhe sirvam de apoio em sua empreitada rumo à vida adulta.

O adolescente precisa viver o luto da perda do objeto, no sentido psicanalítico do termo, por meio das separações sucessivas. A perda envolve sentimentos de amor, ódio, ambivalência; e ele é levado a conquistar sua independência, a libertar-se das figuras parentais e a de novo confrontar-se com a problemática edipiana.

Durante este percurso, sentirá a necessidade de agrupar-se, de estar com pessoas da mesma faixa etária, vivendo experiências similares, e nessas relações poder fazer pactos que lhe possibilitem abrir mão de seu Narcisismo Primário em prol da construção de relações objetais que lhe permitam entrar no mundo das trocas sociais, libertando-se das fantasias ilusórias, criadas no período de Narcisismo Primário e penetrando no mundo simbólico da cultura, abrir-se para a demanda do outro e para a tarefa de construir seu próprio destino.

Na doutrina psicanalítica, as ideias sobre o Narcisismo apontam para diferentes perspectivas conceituais. Por isso, na tentativa de compreender melhor as implicações desse termo e de integrá-las ao estudo da formação e da constituição da personalidade psíquica e, por conseguinte, para uma melhor compreensão da

adolescência, pareceu-nos oportuno lembrar rapidamente a trajetória de seu aparecimento nos trabalhos de Freud, resgatando, assim, sua eficácia até os dias atuais, em termos de normalidade e patologia, no que se refere ao desenvolvimento emocional e social do indivíduo.

Freud, em 1911, postulou pela primeira vez o narcisismo como um estágio normal do desenvolvimento da libido, no qual em que o ego é tomado como objeto de amor e libidinalmente investido. É a partir do narcisismo e de suas manifestações decorrentes das identificações com os pais, com os seus substitutos, que irá constituir-se o Ego ideal, forjado segundo as ambições fálicas de desejo infantil. Esse Ego ideal da infância poderá depois ser substituído por ideais ilusórios, que não resistem à prova da realidade (Cf. ROCHA; 2008.).

A falta de identificações adequadas na família e na escola, por meio de adultos confiáveis, parece determinar a falta de metas e de capacidade sublimatória, impedindo o jovem de tolerar a frustração e a realidade limitadora da onipotência infantil. A esse respeito, Safra (2005) observa que:

O mundo atual apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em sua possibilidade de ser: ele vive hoje fragmentado, descentrado de si mesmo, impossibilitado de encontrar na cultura, os elementos e o amparo necessários para conseguir a superação de sua dificuldade psíquica (p.13).

Engajado na leitura psicanalítica da problemática social, Birman (1999) chama a atenção para as novas subjetividades em torno da chamada "cultura do narcisismo", expressão usada por Lasch (1984), em que um ego inflado, em exclusivo autocentramento, procura a estetização de si mesmo, ignora o Outro. O outro deixa de existir como um valor diferente, que enriquece, para tornar-se objeto de uso e satisfação.

Esses adolescentes parecem sustentar-se na indiferenciação, no sujeito coletivo das ruas e dos grupos sociais que freqüentam, e apresentam um fenômeno largamente relatado pelos grupos quando da entrada de seus membros. Quando eles chegam para procurar o grupo, geralmente trazidos por um colega que já tenha feito esse percurso, queixam-se desse sentimento de vazio, de angústia e solidão, que é vivenciado por ele ou pelo seu entorno social, e vão buscar outras formas de convivência que lhes possibilitem viver em comunidade.

Hoje, a Psicanálise se pergunta se o Édipo, ou o Pai, ou a Lei ainda ocupam a função central que Freud lhes atribuiu no processo de constituição da subjetividade. Precisamos pensar em outros dispositivos que nos ajudem a compreender a organização e a estruturação da personalidade das crianças e dos adolescentes na tentativa de evitar seus fracassos sociais e favorecer a formação da sua subjetividade.

Entendemos que ser amado e aceito supõe uma restauração parcial do narcisismo inicial do ser humano. O amor de si mesmo só poderá ser eficaz e criativo com novos vínculos, com a ampliação do mundo das fantasias e desejos, com a entrada de novos personagens, novas identificações e conhecimentos.

E é por esse motivo que o jovem orienta suas buscas na participação de grupos sociais, em uma relação horizontal na qual ele pode se ver no outro que como ele está atravessando os mesmos caminhos e vivendo obstáculos semelhantes.

Todavia, percebemos que apenas esta relação horizontal com os colegas de mesma idade não dá conta da demanda de apoio e proteção, de introjeção de leis e limites necessários à convivência social. O adolescente necessita de figuras de autoridade, de referenciais, de modelos identificatórios para fazer a passagem do Ego ideal para o Ideal do ego que o insere no mundo simbólico da cultura.

O que temos cada vez mais observado é que, em nossa sociedade, nem sempre os adultos se disponibilizam para ocupar esse lugar, alguns porque o próprio contexto sociocultural não permite outros porque, diante de seu próprio sofrimento psíquico, não conseguem se ver enquanto tais, outros ainda, porque não conseguem ver nenhuma vantagem em ser adultos. Pergunta-se então: será que essa demanda poderia ser endereçada a esse grande Outro? Àquele que a Religião revela como um Deus que por definição é Pai, onipotente e onipresente?

3.1 O declínio da função social do Pai no mundo contemporâneo

*“(...) Pai, você foi meu herói meu bandido,
Hoje é mais muito mais que um amigo...”.*

Do que foi dito antes, sabemos que a Adolescência é um acontecimento psíquico cuja emergência responde a uma necessidade de estruturação do psiquismo e implica um apelo ao Outro. Este apelo se faz mais urgente nas formas de relação que caracterizam a Modernidade, na qual a eficácia da função social do pai vem sendo minimizada.

Sendo assim, essa operação social do simbólico é um sustentáculo do trabalho psíquico de construção que o adolescente é chamado a fazer, numa operação de ousadia, indispensável à realização do seu adolecer. Por meio desse trabalho construtivo de operação social, o adolescente visa resgatar a função social do Pai e apropriar-se de seu legado, retirando, assim, a figura do pai do registro do imaginário e inscrevendo-o no registro do simbólico.

Se no seu trabalho de adolecer, o jovem sujeito encontra-se marcado pelas inúmeras dificuldades próprias ao espírito da Modernidade, ao superar essas dificuldades, sem negá-las nem minimizá-las, ele responde ativamente a elas. Todavia, esse último movimento de superação só será realizado por aqueles que tiveram êxito na travessia. Os que sucubirem às dificuldades, ao invés de realizarem o movimento criativo do adolecer, dele guardarão o estigma do fracasso e do sofrimento.

Lacan (apud Ruffino 1998) caracterizou a contemporaneidade como o tempo do declínio social da função paterna, reinante com segurança na sociedade tradicional. Por isso, vamos buscar compreender o declínio da função social do pai, enquanto sustentáculo da estrutura da subjetividade na sua dimensão social e organizador dos seus laços sociais, e sua influência nas transformações da estrutura familiar, do laço conjugal, da formação do sujeito e, por conseguinte, na relação deste com o seu semelhante.

Calligaris (2000), no entanto observa que o declínio da função social do pai não implica uma queda no registro da psicose, o que nos levaria a concluir que o declínio da função paterna na Modernidade, ao menos até estes nossos dias, não significa um declínio total ou uma completa ausência da figura do pai. As estruturas psicóticas continuam, como antigamente, ligadas à ausência da Metáfora paterna, ou à forclusão do Nome-do-Pai, no Édipo.

Sobre isso são interessantes as considerações de Ruffino quando escreve:

(...) o que se diagnostica como sendo um declínio social da função paterna deve ser pensado, dentro dos marcos de bordas indefinidas do momento presente da modernidade, como algo que não atinge de modo específico os membros de uma coletividade senão após a constituição do sujeito infantil. Para este, ao menos até o limite da puberdade, os dispositivos do social, mudados ou não, continuam funcionando como funcionavam para algumas gerações imediatamente anteriores, no que se refere aos efeitos constitutivos das estruturas fundamentais que a clínica psicanalítica reconhece. (RUFFINO, 1995,41-46)

E complementa dizendo que, na verdade é a função social da paternidade que está em declínio. Este conceito não é sinônimo de Metáfora paterna, Nome-do-Pai, Pai-morto, grande Outro ou Pai simbólico, embora ele se articule com todos eles. .A função social do pai a rigor refere-se àquele a quem se dirige, em meio aos laços sociais, as palavras, os atos e os apelos do sujeito, naquilo que estas manifestações possuem de equivalência simbólica com o que for, estruturalmente falando, uma invocação ao Nome do pai. E será justamente o púbere aquele que com mais ansiedade fará essa invocação. Sobre isso Ruffino (1998) observa:

O pai chamado, mas desaparecido ou enfraquecido é o do mundo da sociabilidade ampla, o qual só se torna um significante destacado e de interesse imediato para aqueles que a este mundo venham a aceder sem a tutela da autoridade familiar ou de seus representantes. Logo, é ao púbere que a ausência ou enfraquecimento dessa referência paternal virá surpreender. No social da modernidade, não há mais algo como um pai, com o valor que esta posição ou função guardava no familiar infantil. No social da modernidade, nem Deus – mesmo para aquele que crê – pode ser uma presença direta. No social da modernidade, nem mesmo o pai da realidade familiar infantil se sustenta como o mesmo – e isto não se descobre sem espanto. (RUFFINO, 1996, p.49)

Diante desse enfraquecimento da figura social do pai, o adolescente precisará dar conta das demandas sociais. Em todas as civilizações, ritos especiais tiveram a função de celebrar a passagem da infância para a idade adulta.

Na contemporaneidade, os ritos, quando não desapareceram, foram reduzidos em sua eficácia e deslocados do lugar central que tinham na vida coletiva. A operação da passagem do real ao simbólico, portanto, não pode mais realizar-se a partir do exterior, daquele lugar do campo do Outro, no qual antes se exercia a eficácia do rito. Aquilo que desapareceu no exterior haverá, então, de ser reinstituído

intrapsoquicamente. A essa exigência de trabalho psíquico, necessária para que o sujeito venha a construir para si uma imagem paterna outra, que não a edípica, corresponderá à operação psíquica que hoje caracteriza o adolescente.

A adolescência, portanto, enquanto trabalho psíquico define-se por sua finalidade de querer construir intrapsoquicamente aquilo que, desde a Modernidade vem lhe faltando, ou seja, aquela função social paterna, cuja eficácia habilitava o sujeito a transitar na coletividade sem a tutela de seu meio familiar infantil.

Como observa Ruffino (1998, p.47), essa função social paterna é um nome abreviado, cifrado, do conjunto daquilo de que alguém precisa dispor para circular socialmente emancipado de sua proteção infantil. Noutras palavras, o adolescente precisará de certos meios para ter acesso ao Outro sexo, para se fazer reconhecer, para vir a atingir alguma forma de troca com seu entorno, mediante a qual poderá cuidar de receber o seu sustento.

Segundo Lesourd (2004), seriam para atenuar a falta daquele pai herói que dominou o mundo mágico da infância, que se ergueriam as buscas místicas e filosóficas dos adolescentes. A procura de um ideal de Pai, como resposta às questões que transcendem nossos valores e dão sentido à vida.

Cientes de que o mito é “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE: 1991 p.13), e conscientes da sua importância para amparar o sujeito em seu grupo social, nos dispomos a interrogar sobre a possibilidade de uma prática religiosa, vivenciada por alguns grupos de jovens de orientação católica, poder resgatar o espírito desses mitos, facilitando a formação de grupos sociais, nos quais os jovens possam partilhar, com seus iguais, as dificuldades inerentes à sua faixa etária, mantendo ainda, pela mediação de práticas religiosas, um contato com o Sagrado e com o Transcendente. É disto que trataremos a seguir.

4. CAPÍTULO IV: TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

*“Caminhante, não há caminho, o
caminho se faz ao caminhar”.*
(Antonio Machado)

Iniciamos o trabalho com uma questão que há tempo nos inquietava: de que forma poderíamos atender a uma demanda que constatamos, na prática clínica e institucional. A urgência dos adolescentes em obter amparo, respostas, identificações? Diante da falência das instituições geradoras de sentido, tais como a família, a escola, a igreja, que subsídios poderíamos lançar mão, enquanto profissionais de psicologia para nos posicionar diante dessas indagações, visto que, muitas outras surgiriam e muitas vezes até com muito mais urgência?

Sabemos que o interesse por um tema de pesquisa não se dá aleatoriamente e nem conta com total objetividade, pois colocamos nele muito de nós mesmos, bem como, também buscamos algo que está dentro de nós. Algo que nos interroga e nos impulsiona para dar continuidade ao trabalho, apesar das dificuldades e das abnegações que ela nos impõe.

Por outro lado, também concordamos com, Minayo (1999, p 89) quando diz que o conhecimento é uma “construção que se faz a partir de outros conhecimentos sobre os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida”

Diante disso, tivemos oportunidade de perceber, durante o percurso do trabalho, que precisamos de outros saberes, de outros olhares que nos auxiliem, nesse múltiplo mundo que visitamos, e que não nos deixem cegos a outros olhares que não o nosso e o de “nossa ciência”. Para isso passeamos pelas Ciências da Religião, pela Sociologia, enfim, olhamos os fatos, objetos da pesquisa com outras “lupas” no desejo de obter respostas ou ao menos, abrir caminhos.

Para orientar-nos nesse trabalho utilizamos o Método Qualitativo de pesquisa, por ser ele um método das ciências humanas, que se propõe a analisar os fenômenos (visíveis ou ocultos), que não são passíveis de mensuração (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação, um estilo próprio de resolução de problemas, etc.). Optamos pela pesquisa qualitativa, por entender que através dela poderemos ter acesso aos significados que os indivíduos, ou grupos, atribuem aos fenômenos que vivenciam e integram em suas experiências de vida, individual e coletiva. Parecendo-nos o mais adequado para responder as nossas questões.

Uma característica importante desse método é que seus pesquisadores ocupam-se tanto, ou mais, do processo que do produto, levando em conta a maneira como os fenômenos ocorrem e as relações que a partir daí, podem ser inferidas. Além disso, este método inclui a subjetividade no próprio ato de investigar, e que está presente tanto na fala do pesquisador quanto na do sujeito entrevistado.

Desta forma, a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de normas e símbolos, na medida em que ela mesma é um deles e possui, ao mesmo tempo, a capacidade mágica de transmitir as representações vividas em grupos determinadas pelas condições históricas e sociais dentro de uma determinada Cultura.

Não nos arvoramos em construir conceitos, nem tampouco em perseguir generalizações, e sim, nos empenhamos na possibilidade de uma representação aceitável da realidade, deixando aberta a possibilidade de outras interpretações.

Nosso objetivo foi compreender de que forma os adolescentes percebem sua participação em movimentos religiosos de confissão católica, e que subsídios esses movimentos podem oferecer para a formação de suas subjetividades de modo especial em uma sociedade secularizada, particularmente no que se refere às dificuldades oriundas do declínio da “função social do pai. Deparamo-nos, porém, com algumas dificuldades em articular o ponto de vista psicanalítico com a leitura desse fenômeno na contemporaneidade.

Para isto utilizamos primeiro uma documentação indireta, levantamos os dados, na pesquisa bibliográfica e também em fontes secundárias, (jornais, livros, revistas, conferências etc.) delimitando os referenciais teóricos.

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos ainda, uma observação direta intensiva, embora não estritamente participante, no campo nos quais os fenômenos aconteciam. Visitamos os grupos dos adolescentes, conhecemos os trabalhos que eles realizavam em suas paróquias e sorteamos aleatoriamente os que seriam entrevistados.

Visitamos quatro grupos, todos na região metropolitana da cidade do Recife, e optamos por nos deter em dois em especial. Um de classe média e classe média alta e outro de classe popular, por percebermos neles diferenças estruturais que puderam ilustrar melhor nosso trabalho, como veremos a seguir.

Para ter acesso a esses grupos, optamos pelo “sistema de rede“,no qual buscamos um “ego focal”.Segundo sugestão de Elizabeth Bott (1976), chamamos

“ego focal” aquele que dispõe de informações a respeito dos grupos em estudo e que pode indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio. Essas pessoas, por sua vez, indicaram ou fizeram referências, a outras pessoas, e assim sucessivamente. Esse “sistema de redes” se mostrou bastante eficaz, visto que, embora pertencendo a grupos diferentes os adolescentes se conhecem, apesar de não se “misturarem”.

Em relação as entrevistas, os indicadores de seleção para coleta dos dados foi a participação em grupos diferentes, já que nos grupos que observamos encontramos uma certa uniformidade social. Embora, os dogmas religiosos fossem os mesmos, a vivência desse dogma e o “jeito de ser igreja” era marcado pela classe social a que pertenciam e pelo líder adulto do grupo, (fosse ele o pároco, o diretor espiritual ou mentor do movimento, ou ainda aquele que, naquele momento estivesse como coordenador.)

Vimos, por exemplo, que num grupo de jovem de uma paróquia da região metropolitana, situada em área nobre, em que a classe social varia de média a média alta, a participação de jovens de periferia é bastante limitada e aqueles que participam, relatam sentirem-se meio deslocados em relação às conversas, aos passeios e ao tipo de vida social vivenciado pelos colegas. Por isso, o convívio entre eles se resume as atividades dentro da igreja (missas, encontros de jovens)

Observamos, também, que nas periferias, a experiência religiosa ainda mantém um pouco do discurso utilizado em nosso país, pela Teologia da Libertação nas décadas de 60, 70 e meados de 80. Ainda que atualmente esse discurso libertário tenha cedido espaço a outro modelo de religiosidade, bem mais individualista e carente de comprometimento social, principalmente nas classes média e média alta, apesar de também nessas classes sociais, durante esse período da história brasileira, a Teologia da Libertação encontrou adeptos.

Constatamos que enquanto nos grupos de meio popular, existem propostas de trabalho que visam fortalecer o sentido de pertença social e o resgate da cidadania, nos grupos de classe média e classe média alta, há uma tendência a propostas de trabalho que privilegiem as práticas de solidariedade para com as camadas menos favorecidas da sociedade, quanto ao resgate de ideais de igualdade, percebemos que são atualmente pouco explorados nos discursos religiosos, porém ainda existentes em alguns dos grupos com os quais estivemos.

Através do nosso trabalho de pesquisa, percebemos que esses grupos de convivência e essas práticas religiosas possibilitam ao adolescente contemporâneo além do contato com Deus, a convivência com outros jovens, um encontro de iguais. Iguais nas brincadeiras, nas conversas e por que não, iguais nas angústias, nos sofrimentos, nas descobertas de caminhos possíveis. Além disso, podem servir de ponto de apoio e teia de proteção contra as transgressões, diminuindo significativamente o contato, cada dia mais prematuro, com o álcool e com as drogas psicoativas.

Diante dessa observação, vislumbramos a possibilidade de criação de instâncias geradoras de sentido, tanto num grupo, quanto no outro (no que diz respeito ao contato com as diferenças sócio-culturais e econômicas existentes entre eles) que possam fazer diferença na vida cotidiana desses jovens, proporcionando a eles, formação de modelos de convivência social, capazes de respeitar a pessoa do outro, preparando-os para fazer a travessia da infância para o mundo adulto e suscitando o desejo de construir, através de uma utopia possível, um mundo mais justo, mais humano. Um mundo melhor.

Na pesquisa científica, ao buscarmos compreender um determinado fenômeno humano, também procuramos um modelo minimamente organizado que possa servir de referência na compreensão do mesmo fenômeno ou de um similar que se apresente em outro momento. Nesse nosso trabalho, portanto, tentamos, também, criar uma codificação no intuito de compreendermos melhor o sujeito adolescente e suas relações com Deus e com as práticas religiosas.

Segundo Turato(2000), nessa modalidade de pesquisa, a entrevista é a técnica mais utilizada na coleta de dados, podendo ser de vários tipos. Utilizamos, então, a entrevista semi-diretiva com uma pergunta disparadora: *O que você vem buscar na igreja?* Esta pergunta serviu para iniciar a conversa e proporcionar ao entrevistado oportunidade de discorrer livremente sobre o tema, sem preocupar-se em dar respostas certas ou erradas.

Para fazermos as entrevistas, contamos com oito jovens que há, pelo menos um ano, participam de movimentos religiosos de confissão católica (EJC, Grupos de Jovens de meio popular, grupos em paróquias) e que tinham à época entre 14 e 18 anos, todos residentes na área metropolitana da cidade do Recife.

Inicialmente conversamos com cada um deles para conhecer o desejo de participar do projeto de pesquisa e só aí entramos em contato com os pais e responsáveis para receber a devida autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e finalmente marcamos a data da realização das entrevistas semi-estruturadas.

Desses adolescentes, 04 (quatro) são de classe média e classe média alta e 04 (quatro) são do meio popular. Sentimos a necessidade de explicitar este dado em relação à condição sócio-econômica dos entrevistados, por que constatamos diferenças e semelhanças oriundas ao ambiente cultural em que estavam inseridos, tanto no que diz respeito ao modo de vida quanto à sua forma de ser igreja.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e em lugar privado. Gravadas em MP3 e, posteriormente, transcritas, tentando manter o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito. Foram registrados ainda: os gestos, os comportamentos, os momentos de silêncio e as dificuldades de alguns deles em falar de determinados temas. Essas dificuldades tornaram-se relevantes quando levamos em conta, outros tipos de linguagem, que não a verbal, como forma de comunicação.

Para a análise desse material utilizamos a Análise de Conteúdo (MINAYO, 1999; FRANCO, 2005). Este procedimento é utilizado para fazer inferências acerca de dados verbais e/ou simbólicos, obtidos a partir de documentos, entrevistas e observações. A análise se inicia com base no conteúdo manifesto e explícito, porém isto não significa que se descarte a possibilidade de analisar os conteúdos que ficam nas entrelinhas do discurso e o contexto histórico em que foram produzidos.

Nesse sentido, Turato (2000) nos propõe uma interpretação de sentidos e significações associadas a sentimentos, pensamentos e comportamentos manifestos nas relações interpessoais nos diversos grupos sociais, (família, grupos de convivência social, como o que estamos estudando), presentes além do dito, no não dito e no interdito.

Por isso, para facilitar a compreensão do trabalho, resolvemos apresentá-lo, dividindo em eixos temáticos os resultados que obtivemos nas entrevistas. Devido à complexidade de cada um desses eixos trabalhados, cientes da impossibilidade de esgotar a temática nos propusemos, então a abrir caminhos e apontar para futuras investidas.

Os conteúdos das entrevistas serão apresentados em itálico e comentados a partir das impressões que obtivemos de cada um deles. A cada um dos entrevistados foi atribuída uma “nomeação própria” no sentido de proteger a identidade dos adolescentes com os quais trabalhamos.

- Núcleos de sentido apreendidos a partir dos eixos temáticos

⇒ 1.1 O Grupo como Lugar de Pertença Social e Instância Criadora de Sentido

“Eu acho que a gente vai muito pra buscar respostas... Respostas pra alguma coisa que a gente não entende. Eu acho que a igreja... é uma orientação, muitas vezes pra você buscar algo que você não consegue buscar sozinho. Outra coisa também que eu acho que se busca muito é... ficar com pessoas que tenham o mesmo pensamento que você...” (Abraão, 18 anos).

A adolescência se configura como a fase da vida humana em que o sujeito precisa sair do ambiente familiar e lançar-se no ambiente social, em busca de parceiros que possam fazer com eles a passagem da infância para a idade adulta.

O que acontece, de fato, é que os adolescentes precisam dessa convivência para desenvolver habilidades sociais que começaram a adquirir com a família. Papéis sociais importantes como liderança, par sentimental, amizades permanentes e tantos outros, só são aprendidos na convivência com o grupo de pares.

No entanto, como característica dos contextos urbanos contemporâneos, a transformação do mundo do trabalho veio influenciar as relações entre homens e mulheres, contribuindo para mudanças na dinâmica familiar e, reduzindo o tempo de convivência entre pais e filhos, o que confere ao grupo de pares um papel de crescente importância na formação da subjetividade dos adolescentes, representando, em algumas formas de atividade, seus principais interlocutores na atribuição de significado às experiências cotidianas.

Isso fica bastante claro no relato desse adolescente de dezoito anos, filho mais velho de um casal de classe média alta e frequentador de um grupo religioso, em que é coordenador de grupo de adolescente, e que diz, vir à igreja em busca desses parceiros que tenham vivências similares a sua.

Aparentando certa timidez, declara que, com a entrada no grupo, seu ciclo de amizade cresceu, consideravelmente, o que antes se resumia aos colegas de

escola; hoje conta com pessoas de bairros e de escolas diferentes, com as quais costuma sair, dançar e estar, mesmo fora do ambiente da igreja.

Este relato nos chama a atenção por caracterizar uma postura bem comum ao universo adolescente. A necessidade de ir buscar, nesses grupos um sentido de pertença e a comunhão de pensamentos com os iguais. Como pode ser constatado no seguinte depoimento:

...Vim pra igreja através de uma amiga, que participava e me chamou... Aí, certo dia ela chegou lá na escola, aí ela fez: ó, vai ter um encontrão lá na igreja. É muito bom, tu vai gostar e não vai se arrepender...Aí eu disse: Eu vou. Foi diferente, uma coisa que eu nunca tinha passado. Aí eu convidei outra amiga, ela veio... Tava ficando isolado. A partir do momento que vim pro grupo de adolescentes e eu conheci pessoas novas, comecei a sair mais, frequentar outros lugares, fazer mais amizades... (Isaac, 16 anos)

Percebemos a partir desse discurso que, a força dos pares para o engajamento nos movimentos religiosos, caracterizado pela necessidade de que um colega, conhecido, ou mesmo um namorado ou namorada, faça o convite para que esse adolescente possa sair do seu mundo protegido, particular e lançar-se diante de um novo grupo social, o mundo das trocas. Observamos, ainda, que dificilmente é um adulto o responsável por esse ingresso ao grupo. Mesmo quando os pais ou responsáveis tem prática religiosa é, em sua maioria, um companheiro da mesma faixa etária que faz o convite. O que fica bem presente no discurso de Ruth,(16 anos):

...Eu já sabia que existia, eu moro aqui (vizinha à igreja) desde pequena, e daqui de casa dá pra escutar, mas quem me levou foi uma amiga minha que começou a frequentar e ficava me chamando direto, aí terminou que eu fui. Depois que fui não teve um domingo que eu deixei de ir... Gosto muito. (Ruth, 16 anos)

Em um dos trabalhos realizados com um desses grupos de adolescentes, em paralelo ao desenvolvimento desta pesquisa, tivemos a oportunidade de observar um encontro em que eles falavam sobre medos e ficamos perplexos com o discurso de 90% dos adolescentes participantes dessa reunião em que declararam: “Tenho medo de ficar sozinho” (R. 14 anos) “Tenho medo de perder as pessoas que amo”. (N. 14 anos). “Tenho medo da solidão”. Nossa perplexidade se deu, provavelmente,

por morarmos, hoje, num dos Estados mais violentos do país e, mesmo assim, eles não relataram ter medo da violência. Essas falas corroboram a necessidade expressa pelos adolescentes de participarem de grupos de pertença, um dos principais motivos de sua inscrição em um grupo de orientação religiosa.

Encerro, neste momento, as reflexões sobre esse eixo temático, trazendo um pouco da fala de Ester (16 anos). Participante de grupo de jovens de meio popular.

“assim que cheguei aqui na comunidade entrei no catecismo pra fazer a primeira Eucaristia, e depois fiquei por aqui no catecismo de perseverança, aí o pessoal resolveu criar um grupo de adolescentes pra ajudar nas missas, fazer o evangelho encenado e tal. Aí hoje já faz três anos que eu participo. ...é bom, a gente discute vários temas, conversa, traz pessoas pra falar sobre várias coisas como: gravidez, dengue e outras coisas assim sabe? Mas o melhor mesmo é por que o pessoal é limpo, sabe como é? Não curte droga, nem esses esquema troncho... aqui a barra é meio pesada sabe? as mães ficam preocupadas, as meninas engravidam muito cedo, os meninos não querem saber de respeitar nada. ... essas coisas e aí as amigadas da igreja não entra nesses esquemas. Quando entra lavra logo da igreja...” (Ester, 16 anos)

Esse relato, além de caracterizar o primeiro eixo temático cumpre o papel de nos introduzir no que chamaremos de segundo eixo:

⇒1.2 A prática religiosa na adolescência como teia de proteção social contra as transgressões .

Segundo Dalgalarrondo (2004) vários pesquisadores tem investigado a relação existente entre religiosidade e uso de álcool e drogas, visto que, para o adolescente, tanto o envolvimento em prática religiosa como o uso de álcool e drogas são dimensões muito significativas de sua experiência pessoal e social.

Esses estudos indicam uma relação bastante positiva entre os adolescentes que têm uma prática religiosa e o uso de álcool e drogas durante a adolescência. Em uma pesquisa realizada com 2287 alunos de escolas públicas e particulares da Cidade de Campinas SP, concluiu que a religiosidade funcionava como inibidor do uso de drogas durante a adolescência, repercutindo, significativamente, sobre o desenvolvimento psicossocial, a saúde física e mental e sobre comportamentos de risco entre eles.

O que percebemos através da nossa pesquisa é que, ao se fazer parte de um grupo de adolescentes de prática religiosa, adere-se, também, a um conjunto de

valores, símbolos, comportamentos e práticas sociais, mesmo que a religião no mundo contemporâneo, já não dite as regras de convivência social como em outras épocas, aqueles que fazem parte desses grupos, ainda pertencem a um amplo e complexo *ethos* religioso que inclui, entre outras coisas, a recusa ao uso de álcool e drogas.

Talvez por isso, os pais dos adolescentes que participam desses grupos religiosos, em geral, sentem-se bastante tranquilos com essa participação, pois, percebem, ser um grupo em que uso de álcool e drogas (os vilões que tiram o sono de pais de adolescentes e jovens) parece ser bastante minimizado mesmo aqueles pais que não se caracterizam como participantes de algum movimento religioso. Portanto, o que observamos, tanto no relato daqueles adolescentes que não são usuários, (principalmente de álcool), quanto por aqueles que fazem uso, é que, a influência do grupo familiar ainda é bastante forte em relação a esta conduta, ou seja, apenas a prática religiosa nem sempre é capaz de afastá-los desta conduta, principalmente no que diz respeito ao uso do álcool.

No relato da maioria dos adolescentes, o fato dessa prática não ser bem vista pelo grupo, afasta ou adia o contato deles com o álcool, e praticamente inviabiliza o uso de drogas ilícitas. Assim como relatou Ester, participante do grupo do meio popular, também nos grupos de classe média observamos o seguinte relato de Abraão:

... A gente tenta fazer tudo junto, tipo assim, se tem festa na casa de Maria, o pessoal que vai geralmente é o povo da igreja, se vai pra um show, junta a galera da igreja, primeiro por que as mães deixam mais fácil e segundo por que a gente se apóia um no outro, sabe como é? Um controla o outro, meio que pra não se queimar com o grupo, tá ligada? Além do mais, vê, eu por exemplo sou coordenador, o outro é o responsável pelo ministério da música, a outra ajuda na liturgia, vê, não dá pra tá bêbado no show de Ivete né? A gente meio que tem um compromisso com a galera, sabe como é? (Abraão, 18 anos)

Percebemos na fala desse jovem, algum compromisso social, algum senso de responsabilidade com a manutenção do grupo, ao mesmo tempo em que não se consideram, ainda, capazes de assumir essas condutas sem o apoio do grupo, parecendo-nos não ser para eles ainda uma lei introjetada, mas uma regra imposta pelo e para grupo a que ele pertence.

“Aqui na comunidade o pessoal começa a beber muito cedo, mais também, o pai bebe, o cara vê a vida todinha ele chegando bêbado em casa, as meninas também né, vê o pai chegando assim e acha que isso é coisa de homem mesmo... Ainda tem o lance de a galera dizer que menino que vive em igreja é tudo “viado”, até meu irmão diz isso as vezes eu nem ligo, mas ele de vez em quando diz”... a gente conversa sobre essas coisas no grupo, pra ir tirando esses preconceitos bestas né?”(Pedro, 17 anos).

Consideramos as implicações do contexto histórico e socio-cultural como fator de risco para os adolescentes, apesar de essa ser uma realidade comum às várias classes sociais, é na classe popular que encontra maiores repercussões. No que diz respeito às questões de gênero, historicamente, o ambiente das igrejas em nosso país foi, quase que exclusivamente, feminino, cabendo às mulheres as obrigações com o zelo da fé de suas filhas até que se casassem e de seus filhos até que ficassem rapazes, momento em que seriam admitidos no “mundo dos homens” e conseqüentemente se afastariam das práticas religiosas.

Coube à Teologia da Libertação, tentar mudar essa realidade. Conhecida como uma ala mais politizada e progressiva da Igreja Católica, que via nas lutas pelas conquistas sociais o pré requisito para ser um autentico cristão, percebe-se hoje, uma maior participação dos homens em eventos e rituais religiosos, do que em outras épocas da nossa história.

Com as transformações políticas em nosso país a partir da década de 80, e, conseqüentemente, com as mudanças ocorridas no modo de ser igreja, observamos que hoje o número de mulheres participantes desses grupos ainda é significativamente maior que o de homens e, devido à pouca aceitação e diálogo acerca das questões de gênero, os homossexuais ainda não são vistos com “bons olhos”, principalmente nos grupos de classes sociais mais altas.

Todas essas questões merecem ser ouvidas e compreendidas com mais profundidade, esperamos fazer isso em trabalhos posteriores, porém o tema motivador dessa nossa pesquisa, aquele que foi, desde o início do curso o primeiro alvo da nossa investigação, será , portanto, o terceiro eixo temático que iremos trabalhar.

⇒ 1.3 A Prática Religiosa na adolescência como Suplência ao Declínio da Função Social do Pai

A esse respeito iremos lançar mão da fala de Pedro que ao ser interrogado sobre “O que você vem buscar na prática religiosa (na igreja)? mostrou-se, a princípio, bastante impactado, manteve certo silêncio e em seguida dedilhando, um já bem surrado violão, respondeu cantando uma das canções mais conhecida por eles: “*Tudo é do Pai, toda honra e toda glória, é dele a vitória, alcançada em minha vida, tudo é do pai*”... (Pe. Fábio de Melo).

Meu pai, eu não tenho contato com ele há uns cinco anos. ... Meu pai tem quarenta e dois filhos, com várias mulheres, inclusive um deles nasceu no mesmo dia que eu. Sei não.... é assim... sei lá... por que tem hora que você precisa do seu pai, aí só tem sua mãe. Aí você olha assim: poxa, conversar sobre isso com minha mãe, eu vou achar esquisito. Mais aí...(pausa) você se acostuma. Aí... eu tenho essa conversa com Deus e através das reuniões Ele me mostra a resposta, (pausa) pro que eu quero saber. Eu acho que ele mostra... Ele sempre dá um jeitinho. (Isaac, 16 anos)

Segundo Freud, a religião satisfaz as angústias mais profundas do ser humano, decorrentes de seu desamparo, que o remete ao desamparo original, prometendo a proteção de um Deus que é pai e que aponta para uma vida eterna negando a morte.

Muito se tem falado em nossos dias daquilo que se convencionou chamar, “o declínio da função paterna”. Segundo Ruffino (1993) o que se encontra em declínio, na contemporaneidade, poderia chamar-se “declínio da função social do pai”. Este declínio apresenta suas marcas em relação à formação da subjetividade e à tessitura dos laços sociais do sujeito, à sua estrutura familiar, a introjeção dos limites necessários ao pacto social.

Diante disso, ao ouvirmos os relatos desses adolescentes que pedem um “pai”, percebemos, também, que não precisamos criar um sentimento de saudosismo em relação à relação pais e filhos de outrora, pois sabemos que em alguns casos, tivemos alguns ganhos nessas relações. Temos hoje pais mais participativos nas atividades diárias de seus filhos, e que procuram novas formas de relacionar-se e de exercer sua função, diferentemente da relação que tiveram com seus próprios pais, principalmente em nossa região tão marcada pelo patriarcalismo, e pelo autoritarismo paterno.

Creemos que não é do autoritarismo que eles sentem falta, mas, possivelmente de um pai herói imaginário e apregoado pela mídia nos comerciais alusivos ao “dia dos pais”.

É principalmente essa figura de identificação, que o social não está conseguindo apresentar, que eles estão procurando, para sentir que existe alguma vantagem em serem adultos, visto que, em sua maioria, os adultos com os quais se relacionam, preferem, por vezes, permanecer em suas condutas “adultercentes”. Encerro com as fala de duas das adolescentes entrevistadas, que considero bastante significativa dessas transformações:

...Moro aqui em Recife com minha avó, minha mãe é médica no interior e só vem em casa a cada quinze dias, às vezes eu sinto falta dela (pausa) mas... Ela precisa trabalhar e viver a vida dela não é? Meu pai também mora em outra cidade, casou de novo depois da separação com a minha mãe, a mulher dele num tem muito a ver comigo não, é quase da minha idade... Sinto falta dele também. Muita falta, ele aparece menos que minha mãe, só quando tá por aqui, aí,liga, marca e a gente se encontra. Eu acho meio esquisito... Às vezes a gente almoça, ou vai no shopping. Queria que ele tivesse mais perto de mim, sei lá, levar pra as festa né? Conhecer os namorados, essas coisas que pai faz... (Marta, 16 anos)

Oxe, meu pai? Faz muito tempo que eu não vejo, casou de novo, depois de novo, quando era casado com mainha, batia nela, bebia, nem queria trabalhar, era ela que tinha que fazer tudo mesmo, é aquele cara que o povo diz assim... Tremendo vacilão, sabe como é? Não dá uma dentro. Mas eu não tenho raiva dele não, é meu pai né? Queria que ele fosse diferente mas...(Ester, 16 anos)

Duas realidades sociais bem distintas, as mesmas angústias e um desejo em comum, um pai que “faça as coisa que pai faz...”, mas o que será isso? Que modelo de pai é esse que não condiz com as expectativas desses jovens?

Hoje, a Psicanálise se pergunta se o Édipo, ou o pai, ou a lei, ainda ocupa a mesma função central na constituição subjetiva, que ocupava na sociedade burguesa dos séculos passados, ou se precisamos pensar em outros dispositivos que nos ajudem a compreender a organização e a estruturação da personalidade das crianças e dos adolescentes na tentativa de evitar fracassos sociais e favorecer a formação da sua subjetividade. Essa foi a principal questão que norteou o nosso trabalho.

Esperamos que os resultados desta pesquisa contribuam para perceber se a prática religiosa poderá promover através da pessoa do outro e da prática de atitudes solidárias o contato com o Transcendente, o Sagrado, oferecendo, modelos de convivência social e teias de proteção contra as transgressões comuns ao universo dos adolescentes.

RESUMO DOS PRINCIPAIS CONTEÚDOS ENCONTRADOS NAS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES:

	TEMÁTICAS	CONTEÚDOS
1	<i>O grupo como lugar de pertença social e instância criadora de sentido</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Necessidade de conviver com iguais;</i> • <i>Pertencimento a um grupo que tenha os mesmos ideais</i> • <i>Ter contato com adolescentes de outro sexo</i> • <i>Sair do isolamento, sociabilizar-se</i>
2	<i>A prática religiosa como teia de proteção social contra as transgressões</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Evitação de comportamentos de risco, • Diminuição de uso e abuso de álcool, • Acesso a discussões das questões da sexualidade. • Evitação do uso de drogas ilícitas • Auxílio do grupo na introjeção de leis e limites
3	<i>A prática religiosa como forma de suplência ao declínio da função social do pai</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A ligação com o pai herói da infância • A expectativa de um ideal de pai • A suplência na figura de Deus pai, das funções sociais do pai • O trabalho social como forma de sair de si e ir de encontro ao outro • Apoio para atender as demandas sociais

REFERÊNCIAS

ABERASTURY A; KNOBEL. M Adolescência Normal: **Um enfoque Psicanalítico.** Trad.Suzana Maria Garagoray Ballve, **Porto Alegre: Artes Médicas,1981.**

ALBERTI, S. O Adolescente e o Outro. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.**

ANDRIATTE, A. M. Relações objetais em adolescentes luto e melancolia. **São Bernardo do Campo, Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Instituto Metodista de Ensino Superior. 1992**

BASÁN, G.F. Aspectos incomuns do sagrado. **São Paulo: Paulus, 2002.**

BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade: **a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 304p**

BOOF, L. **O caminhar da Igreja com os oprimidos,** Petrópolis, Vozes, 1988, 3a edição, prefacio de Darcy Ribeiro.

BOOT, E. Família e rede social. **Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976. Tradução de Family and social notwork, 2ª ed., 1971**

CARDOSO, M.R. (Org.) A adolescência: reflexões psicanalíticas. **Rio de Janeiro, NAU editora: FAPERJ, 2001.**

CATALAN, J.F. O homem e sua religião: **enfoque psicológico. São Paulo: Paulinas, 1999.**

CALLIGARIS; A adolescência. **São Paulo: Publifolha, 2000.**

CAMURÇA, M. A. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. **In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.**

CHEMAMA, R. Depressão: **A grande neurose contemporânea. Porto alegre: CMC, 2007**

COSTA, J. F. O Vestígio e a Aura: **corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DALGALARRONDO, P.; SOLDERA, M.A.; CORREA FILHO, H.R.; SILVA, C.A.M. - **Religião e uso de drogas por adolescentes.** Revista Brasileira de Psiquiatria **26(2): 82-90, 2004.**

FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo.* Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FREUD, A. Infância Normal e Patológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 213p.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. VII (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud).

_____. Sexualidade Infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p.177-206. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

_____. As Transformações Da Puberdade. Rio de Janeiro: Imago, 1972.V.VII (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

_____. Romances Familiares. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. IX. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7).

_____. Algumas Reflexões sobre a psicologia do Escolar. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XIII. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7).

GIDDENS; A. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESPE, 1991

GIOVANETTI, J. P. (2002)- O espírito Nilista da Pós-modernidade e as motivações religiosas. **Caderno de Resumos da XXXII Reunião Anual de Psicologia, 23-26 de outubro, Florianópolis – Santa Catarina, p.42-43**

GOLIN; J. O Adolescente Contemporâneo e a Construção da Subjetividade. Interlocuções – Revista de Psicologia, Recife: UNICAP, 2001. Ano – 1 v. 2,

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KESSLER, C.H. Uma encruzilhada adolescente: entre a identificação e os ideais. In: **Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Adolescência: um problema de fronteira.(Org.) Porto Alegre: APPOA,2004.

KÜNG, H.. **Freud e a questão da religião**. Trad.Carlos Almeida Pereira,Campinas:Verus Editora. 2006

LASCH, c. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro; Imago, 1984

LEBRUN, J.P. Um mundo sem limites: **ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: **Companhia de Freud**, 2004.

LELOUP, J. Y. O Corpo e seus símbolos – **Uma antropologia essencial**. Petrópolis: **Vozes**, 1998.

LESOURD, S. A Construção adolescente no laço social. Trad.de Lucy Magalhães. Petrópolis: **Vozes**, 2004.

LEVISKY; D.L. Adolescência: **reflexões psicanalíticas**. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 1998.

MACHADO, M. D. C.. Carismáticos e Pentecostais: **adesão religiosa na esfera familiar**, São Paulo, **ANPOCS/ Autores Associados**,1996

MACHADO, M. D. C. ; MARIZ, C. L. . Mudanças Recentes no campo religioso Brasileiro. **Antropolítica (UFF), Niteroi, v. 5, p. 21-44, 1999**.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento. **São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco**, 1999

MORANO, C.D. Crer depois de Freud. **São Paulo: Loyola**, 2003.

NASIO, J. D. O prazer de ler Freud. Trad. de Lucy Magalhães; Revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1999.

PRIORE, M.D. Adolescentes de ontem. In: O olhar adolescente, Revista Mente e cérebro.

RASSIAL, J.J. O adolescente e o psicanalista. Tradução: Lêda Mariza Fischer Bernardino; Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROCHA, Z. Freud: novas aproximações. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

RISÉ, C. A inaceitável ausência do pai: paternidade e seus desafios na sociedade atual; Trad.: Cláudia Scheeren. Vargem Grande Paulista, SP Editora Cidade Nova, 2007.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito, in Rappaport, C. L. (org.), Adolescência: abordagem psicanalítica, EPU, São Paulo, 1993, pp. 25-57.

_____. O que está em jogo na adolescência de nossos filhos?. **Correio da APPOA, Porto Alegre, Pulsional, São Paulo, n. 89, p. 05-13, 1996.**

_____. **Adolescência: notas em torno de um impasse.** In Revista da Associação Psicanalítica de Porto alegre. **Ano V- Nº11, novembro de 1995, pp 41-46.**

SAFRA, G. A Face Estética do Self: teoria e clínica. Aparecida, SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco editora, 2005.

_____. A Po-ética na clínica contemporânea. **Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004. (Coleção psicanálise século I).**

SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. Horizonte, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1997.

SAVIETTO, B.B. Adolescência: ato e atualidade. Revista Mal-estar e Subjetividade- v.1, n.1 Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2001.

SOARES, L. E. A guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro: dimensões democráticas do conflito religioso no Brasil. Rio de Janeiro, ISER,

n. 44, p. 43-50, 1993.

TURATO, E.R. Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa Definições e Principais Características. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, jan-jun, año/vol.2, número 001. **Sociedade Portuguesa de Psicossomática, Porto, Portugal, 2000.**

WEINBERG, C.(Org.) Geração Delivery: **adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001.**

WIGES, I. Cultura religiosa: **as religiões do mundo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1999.**

VALLE, E. Experiência e religião: **enfoque psicológico. São Paulo: Loyola, 1998.**